



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL

UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE CAMPO GRANDE

HILIARA DE CARVALHO MONTEIRO

**LETRAMENTO LITERÁRIO: A VOZ DA LITERATURA NA PRÁTICA DE
LEITURA E PRODUÇÃO TEXTUAL**

Campo Grande/MS

2016

HILIARA DE CARVALHO MONTEIRO

**LETRAMENTO LITERÁRIO: A VOZ DA LITERATURA NA PRÁTICA DE
LEITURA E PRODUÇÃO TEXTUAL**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS, da Universidade Estadual de Mato Grosso, Unidade Universitária de Campo Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Linguagens e Letramentos

Orientador: Prof. Dr. Fábio Dobashi Furuzato

Campo Grande/MS

2016

C872c MONTEIRO, Hiliara de Carvalho.

Letramento Literário: A voz da literatura na prática de leitura e produção textual / Hiliara de Carvalho Monteiro. Campo Grande: [s/n], 2016.

102 f.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Dobashi Furuzato.
Dissertação (Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS) – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Campo Grande.

Contém referências.
1. Letramento literário; 2. Práticas de ensino de literatura; 3. Gêneros literários; 4. Estética da Recepção; 5. Leitura e produção de textos. I. Furuzato, Fábio Dobashi. II. Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

CDD - 340.1



TERMO DE APROVAÇÃO

HILIARA DE CARVALHO MONTEIRO

LETRAMENTO LITERÁRIO: A VOZ DA LITERATURA NA PRÁTICA DE LEITURA E PRODUÇÃO TEXTUAL

Dissertação aprovada como requisito para obtenção do grau de Mestre em Letras, área de concentração: Linguagens e Letramentos, pelo programa PROFLETRAS, Mestrado Profissional em Letras, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, UEMS, Campus de Campo Grande, pela seguinte banca examinadora:

Prof. Dr. Fábio Dobashi Furuzato
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

Prof. Dr. Lucilo Antonio Rodrigues
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

Prof. Dr. Paulo Custódio de Oliveira
Universidade Federal da Grande Dourados/UFGD

Prof. Dr. Daniel Abrão
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/ UEMS (Suplente)

Campo Grande/MS
Dezembro de 2016.

AGRADECIMENTOS

Meu agradecimento mais profundo a Deus, meu mestre maior, por suprir minhas necessidades e por me oferecer oportunidades que com muita fé eu soube agarrar.

Ao meu Orientador e Professor, Dr. Fábio Dobashi Furuzato, por apoiar meu trabalho, pela paciência, incentivo e confiança.

Aos meus familiares, por entender quando, muitas vezes, eu faltava às comemorações e reuniões em família.

Em especial, agradeço à minha querida mãe, Maris Lúcia, pelo amor sem medida, pela dedicação e por ser a pessoa que sempre me incentivou na busca do saber.

Ao meu amado esposo, Giovani, por todo apoio, disposição e compreensão incondicional, pelas provas de amor em forma de paciência. Obrigada por estar sempre ao meu lado.

Ao meu querido irmão Hiuri e minha cunhada Chrissie, agradeço por entender quando minha linda sobrinha Yasmin nasceu e eu não estava por perto.

Minha irmã Hilaíra e meus sobrinhos Kenzo e Miguel agradeço pelo incentivo e amor dedicados a mim.

Ao meu pai, Deacil, pela disposição sem medida em me ajudar em tudo que precisei e pelo carinho e amor que sempre demonstrou.

Minhas madrinhas Márcia e Gláucia e tia Maristela, agradeço imensamente por tê-las como exemplo de garra, força e determinação.

Aos amigos e colegas da minha turma do PROFLETRAS, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Queli, Raquel, Fernando, Valquíria, Helder, Marizélia, Divino André e Fernanda, pessoas especiais com as quais construí laços de amizade e que foram essenciais para o desenvolvimento desse estudo e concretização desse resultado, por compartilharmos nossas emoções, frustrações e reflexões.

A todos os colegas e amigos que direta ou indiretamente me incentivaram e ajudaram durante os estudos.

À CAPES, pelo financiamento da pesquisa.

Aos Professores do curso de Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS, os quais tive a honra de conhecer e de admirar pelo atuante trabalho que realizam frente à Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

Aos professores que aceitaram participar da Banca Examinadora, Dr. Paulo Custódio de Oliveira e Dr. Lucilo Antonio Rodrigues, agradeço pelas valiosas contribuições.

"Não é a beleza, mas sim a humanidade o objetivo da literatura."

Salamah Mussa

RESUMO

Esta Dissertação está vinculada ao Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) que discute as emergentes necessidades das escolas públicas para aulas de língua portuguesa, no ensino Fundamental II. A presente pesquisa disserta sobre a importância da leitura literária na escola e propõe atividades voltadas às práticas de produção textual para o desenvolvimento das potencialidades dos alunos. No entanto, sabemos que uma básica e simples leitura não dá garantia para uma plena aprendizagem. Professores, família e escola contribuem para esse desenvolvimento, proporcionando os subsídios necessários neste significativo trabalho. Os participantes desse estudo foram alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, de uma escola estadual da cidade de Rondonópolis, em Mato Grosso, que possui um número de 21 estudantes matriculados e com idades entre 13 e 15 anos. Um dos fundamentos que norteiam essa pesquisa é a Teoria da Recepção, de Robert Jauss (1978), de maneira que a interpretação do leitor se torna o mais importante no processo de leitura. O processo de humanização abordado por Antonio Candido, também, permeia esse trabalho. Na presente pesquisa os estudos de teóricos como Magda Soares (2005) e Ângela Kleiman (2005) discorrem sobre os conceitos do Letramento, os estudos de Rildo Cosson (2012) falam sobre Letramento Literário na escola, o que é de grande relevância para o estudo da formação do aluno enquanto leitor e produtor de textos literários. Para a realização desse trabalho buscou-se referendar a importância da leitura literária por meio de escolhas de livros de literatura na biblioteca da escola, oferecendo aos educandos leituras prazerosas. Os gêneros literários: contos fantásticos, causos e poemas também foram dados aos estudantes para a efetiva contribuição da literatura na formação do cidadão. As produções de cartas pessoais aos colegas de classe, como finalização de cada sequência de atividades, contribuíram progressivamente para o incentivo à leitura objetivando deixar as aulas de língua portuguesa mais motivadoras e dinâmicas, visando o aprendizado por meio dos gêneros literários. Com isso, concluímos que a experiência dessa partilha por meio do letramento literário foi o que oportunizou o processo de construção das identidades.

Palavras-chave: Letramento literário; Práticas de ensino de literatura; Gêneros literários; Estética da Recepção; Leitura e produção de textos.

ABSTRACT

This thesis is linked to the Professional Master of Letters (PROFLETRAS) that discusses the emerging needs of public schools to Portuguese classes in teaching Fundamental II. This research holds forth the importance of literary reading in school and proposed activities related to text production practices for the development of the potential of students. However, we know that a basic and simple reading does not guarantee for a full learning. Teachers, family and school contribute to this development by providing the necessary allowance this significant work. Participants in this study were students of the 9th grade of elementary school, a state school in the city of Rondonópolis, Mato Grosso, which has a number of 21 students enrolled and aged between 13 and 15 years. The fundamentals that guide this research is the theory of reception, Robert Jaus (1978), so that the interpretation of the reader becomes the most important in the reading process. The humanization process approached by Antonio Candido also permeate this work. In this research the theoretical studies of Magda Soares (2005) and Angela Kleiman (2005) discuss the concepts of literacy, the study Rildo Cosson (2012) talk about literacy literary school, which is of great importance for the study training the student as a reader and producer of literary texts. To perform this work sought to endorse the importance of literary reading through literature books choices in the school library, giving students pleasurable reading. The literary genres: fantastic tales, stories and poems were also given to students for effective literature's contribution to the training of citizens. The production of personal letters to classmates, as completion of each sequence of activities progressively contributed to the encouraging reading aiming to leave the Portuguese language classes more motivating and dynamic, aimed at learning through the literary genres. Thus, we conclude that this experience sharing through literary literacy was provided an opportunity of the identities construction process.

Keywords: Literary literacy; Teaching practice of literature; Literary genres; reception aesthetics; reading and production of texts.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....	15
1.1 Letramento.....	15
1.2 Letramento Literário.....	17
1.3 Considerações acerca da Literatura.....	19
1.4 Contribuições da Estética da Recepção para sala de aula.....	21
1.5 A literatura na escola.....	23
1.6 A produção de textos a partir da leitura literária.....	24
2. METODOLOGIA.....	27
3. ANÁLISE DOS DADOS DA PESQUISA.....	28
3.1 A cultura da leitura não é realidade.....	34
3.2 A proposta e o projeto.....	35
3.3 A EXPERIÊNCIA DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA.....	36
4. ANÁLISE DA RECEPÇÃO DO PROJETO.....	48
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	68
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	70
ANEXOS.....	74
APÊNDICE.....	101

INTRODUÇÃO

Ao longo do tempo, a leitura e a escrita davam ao sujeito a oportunidade de se apropriar do poder. Assim, o sujeito letrado agia com efeito para as transformações socioculturais do seu meio social. O que encontramos hoje, todavia, é a sucessiva falta de interesse em ler livros, sobretudo de literatura. O ambiente escolar tem dado cada vez menos importância à leitura literária, banalizando-a, restringindo o aprendizado à vida e obras dos autores, assim, cabe ao professor de língua portuguesa, como mediador, e quando esse tem a consciência deste trabalho, manter projetos de leitura e produção de textos para o desenvolvimento sociocultural do aluno e, mais que isso, o gosto pela leitura literária sem obrigação.

Com a experiência em sala de aula, reconhece-se a necessidade de criar nos alunos o gosto pela leitura literária para que possam adquirir o hábito diário de ler, interpretar e produzir textos. E conhecendo a realidade das escolas de Mato Grosso, nota-se que os alunos dos anos finais do Ensino Fundamental levam os problemas de leitura, escrita e interpretação de texto para o Ensino Médio.

A escolha da temática da presente dissertação de Mestrado dá-se por meio de duas causas: a primeira consiste na queda da nota da Prova Brasil, com relação à avaliação de leitura e interpretação textual entre os alunos do Ensino Fundamental da Escola Estadual Lucas Pacheco de Camargo, na cidade de Rondonópolis, em Mato Grosso. Há a constatação de que apenas 18% dos alunos do 9º Ano do Ensino Fundamental, desta escola, demonstraram o aprendizado adequado. O que deve ser entendido é que não precisamos procurar culpados pela queda da aprendizagem por parte dos discentes, no entanto o professor deve ter o objetivo de criar estratégias para que os mesmos consigam aprender a desenvolver suas habilidades e que eles possam fazer isso de modo associado com o prazer em assistir às aulas de língua portuguesa, aprendendo por meio do letramento literário e contemplando sua aprendizagem por meio das práticas sociais. A segunda causa dessa escolha justifica-se pelo descaso das escolas em apoiar atividades voltadas à literatura, o que provoca a precariedade de conhecimento de mundo que o aluno tem no ensino fundamental associada à falta de interesse pela leitura literária e produção escrita por puro prazer.

O objetivo do trabalho a ser desenvolvido é fortalecer no aprendiz a capacidade de produção por meio de atividades propostas com o letramento literário para que o estudante possa praticar a interação social dentro e fora do ambiente escolar, criando, assim, o gosto pelo aprendizado através dos textos literários.

Cabe ressaltar que a proposta desta pesquisa-ação tem como fundamento a compreensão de que trabalhar o letramento literário, em sala de aula, vai aperfeiçoar a leitura e a escrita, ou seja, o entendimento entre texto e discurso de modo que não serão aproveitados apenas em língua portuguesa, mas em seu contexto social. Sobre isso Cosson ressalta:

Nessa perspectiva, é tão importante a leitura do texto literário quanto às respostas que construímos para ela. As práticas de sala de aula precisam contemplar o processo de letramento literário e não apenas a mera leitura de obras. A literatura é uma prática e um discurso, cujo funcionamento deve ser compreendido criticamente pelo aluno. Cabe ao professor fortalecer essa disposição crítica, levando seus alunos a ultrapassar o simples consumo de textos literários. (COSSON, 2012, p. 47)

Lena Lois (2010, p. 91) nos faz refletir que, na busca do avanço e na superação das dificuldades que nos permite a construção de saberes, o ensino de literatura não tem o objetivo de pedagogizar, embora existam objetivos claros, o maior deles é o prazer da leitura, da produção, ou seja, “o prazer da arte”.

Refletir sobre o desenvolvimento da aprendizagem por meio do letramento literário é o ponto central deste trabalho. Ao tratarmos de letramento associado ao estudo de textos literários pensamos nisso como um longo processo, e por esse motivo não é possível mensurar um resultado definitivo em pouco tempo. Serão apresentadas discussões acerca de como trabalhar a literatura em sala de aula de forma que o aluno se sinta disposto não por obrigação, mas pelo simples prazer em participar do universo da literatura, lendo e produzindo seus próprios textos. Segundo Cosson:

O letramento literário, conforme concebemos, possui uma configuração especial. Pela própria condição de existência da escrita literária, que abordaremos adiante, o processo de letramento que se faz via textos literários compreende não apenas uma dimensão diferenciada do uso social da escrita, mas também, e sobretudo, uma forma de assegurar seu efetivo domínio. Daí sua importância na escola, ou melhor, sua importância em qualquer processo de letramento, seja aquele oferecido na escola, seja aquele que se encontra difuso na sociedade. (COSSON, 2012, p. 12)

Considerando as informações citadas, os **Pressupostos Teóricos** estão divididos em seis subcapítulos. O primeiro, intitulado “Letramento”, discorre sobre o surgimento do termo e as considerações acerca dessa prática do cotidiano. Em conjunto, o segundo item é sobre o “Letramento Literário”, que trata da prática social interligada à leitura literária, buscando a necessidade da produção voltada ao modo de vida do aluno, pois a literatura tem o poder de “tornar o mundo compreensível transformando a sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas” (COSSON, 2012, p. 17). O terceiro subcapítulo com título: “Considerações acerca da Literatura” fala sobre a capacidade de transformação que o universo literário proporciona aos estudantes. O quarto item: “Contribuições da Estética da Recepção” para sala de aula contempla a aplicação dessa teoria para a sala de aula, de maneira que a visão do aluno/leitor é o mais importante nesse processo. A literatura na escola desafia o processo de ensino engessado a levar aos estudantes a forma “humanizadora” de se ensinar literatura no ambiente educacional. O último subcapítulo: A materialidade da produção de texto a partir da leitura literária ressalta a proficiência do aluno/produtor de suas reflexões, capaz de re/construir suas práticas sociais.

A fundamentação desse trabalho está apoiada em autores que falam sobre o Letramento como Magda Soares (2005), Ângela Kleiman (1995), Sérgio Leite (2001); sobre o Letramento Literário proposto por Rildo Cosson (2012) e Lena Lois (2010); a literatura como forma de humanização abordada por Antonio Candido (2004); a Teoria da Estética da Recepção, apresentada por Hans Robert Jauss (1994); a Pedagogia da Esperança (1997) e do Oprimido (2006) tanto faladas por Paulo Freire; Bakhtin (2000) que, facilmente, nos mostra os processos de interação verbal em nosso contexto social e Geraldini (1985) que aborda o contexto escolar e como trabalharmos com o texto em sala de aula.

A partir de um questionário investigativo sobre o contato do mundo literário com o universo do aprendiz, a **Proposta Metodológica** foi levar para sala de aula, dos 21 alunos do 9º Ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual Lucas Pacheco de Camargo, na cidade de Rondonópolis/ MT, alguns gêneros literários associados às atividades voltadas para leitura literária e produção de textos, apoiados no funcionamento sociocomunicativo do gênero carta pessoal construído pelos eventos comunicativos e seus efeitos de sentido. Nas **Considerações Finais**, foram ressaltados os resultados obtidos com esse trabalho.

Os professores da área de linguagens vêm buscando soluções para o desenvolvimento do gosto pela literatura na escola e fora dela. Sabemos que há a necessidade de

aprofundamento sobre o letramento literário na prática da produção de textos, o que nos promove “o processo de apropriação da literatura enquanto construção literária de sentidos.” (PAULINO; COSSON, 2009, p. 67)

O questionário sobre leitura literária, respondido pelos alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, mostrou que há a necessidade de maior incentivo para as práticas da leitura literária por parte da família e da escola. O desafio é motivar mais estudantes do ensino fundamental a participar do universo literário. Cosson fala sobre tais práticas, ao citar Halliday, quando diz que a literatura é uma linguagem que compreende três tipos de aprendizagem:

A aprendizagem da literatura, que consiste fundamentalmente em experienciar o mundo por meio da palavra; a aprendizagem sobre a literatura, que envolve conhecimentos de história, teoria e crítica; e a aprendizagem por meio da literatura, nesse caso, os saberes e as habilidades que a prática da literatura proporciona aos seus usuários. (COSSON, 2012, p. 47)

Ao seguir os pressupostos de Cosson (2012, p. 47), contemplando o processo da experiência do texto literário, o autor ressalta, ainda, que a aprendizagem da literatura “deveria ser o ponto central das atividades envolvendo literatura na escola”, pois não basta somente fazer o aluno ler, precisamos trocar experiências sobre a leitura, sem direcionar para respostas fechadas, até que o estudante adquira autonomia para fazer isso fora do ambiente escolar.

Para o conhecimento científico este estudo poderá nos evidenciar os motivos dos reais obstáculos que encontramos em sala de aula, durante o processo de aprendizagem, ao depararmos com as dificuldades que a maioria dos alunos tem em ler, interpretar e produzir textos. Conseqüentemente, podemos buscar soluções de forma prática e motivadora para o desenvolvimento, nos estudantes, das habilidades ainda não adquiridas e a vontade de levar o que aprenderam com a literatura para seu meio social.

1. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Este capítulo conta com seis subcapítulos que nos mostram a relação entre literatura e educação e o poder transformador dessa interligação na vida do sujeito. Ler e escrever são práticas comuns em sala de aula, mas dialogar sobre o aprendizado por meio da literatura dá a possibilidade de desafiar os limites das indagações. Sobre essa posição que o sujeito assume, Rildo Cosson comenta:

A leitura literária conduz a indagações sobre o que somos e o que queremos viver, de tal forma que o diálogo com a literatura traz sempre a possibilidade de avaliação dos valores postos em uma sociedade. Tal fato acontece porque os textos literários guardam palavras e mundos tanto mais verdadeiros quanto mais imaginados, desafiando os discursos prontos da realidade, sobretudo quando se apresentam como verdades únicas e imutáveis. Também porque na literatura encontramos outros caminhos de vida a serem percorridos e possibilidades múltiplas de construir nossas identidades. Não bastasse essa ampliação de horizontes, o exercício de imaginação que a leitura de todo texto literário requer é uma das formas relevantes do leitor assumir a posição de sujeito e só podemos exercer qualquer movimento crítico quando nos reconhecemos como sujeitos. (COSSON, 2014, p. 50)

1.1 LETRAMENTO

Diante do desafio de ensinar os alunos a ler e escrever de forma contextualizada, na sociedade contemporânea, surge o letramento, que os transforma em leitores e escritores que passam a vivenciar o que aprendem em sala de aula e não apenas a decodificar letras. A forma mecânica, como era usada para alfabetizar alunos, foi substituída pela forma englobada, que leva o aprendiz a interagir com o que lê e escreve. Segundo Magda Soares:

O letramento (palavra que apareceu pela primeira vez por Mary Kato, 1986) resulta da ação de ensinar e aprender as práticas sociais de leitura e escrita; é o estado ou condição que adquire um grupo social, ou indivíduo, como consequência de ter-se apropriado da escrita e de suas práticas sociais. (SOARES, 2005, p. 57)

O aprendiz letrado aprende a ler e escrever de modo que saiba se adequar ao meio social através da escrita e leitura diversificadas. Diferenciando-se do indivíduo alfabetizado, que apenas decodifica as letras, enquanto o letrado usa a leitura e escrita para suas práticas sociais. Segundo Magda Soares:

Letramento é o estado ou condição que assume aquele que aprende a ler e escrever. Implícita nesse conceito está a ideia de que a escrita traz consequências sociais, culturais, políticas, econômicas, cognitivas, linguísticas, quer para o grupo social em que seja introduzida, quer para o indivíduo que aprenda a usá-la. (SOARES, 2004, p. 17)

Logo, a prática do letramento não apenas alfabetiza, mas tem o poder de transformar os valores do sujeito que, conseqüentemente, poderá mudar sua realidade. Como afirma Freire (1989) "o domínio sobre os signos linguísticos escritos, mesmo pela criança que se alfabetiza, pressupõe uma experiência social que o precede", experiência essa que chamamos de letramento. A leitura de textos literários e a escrita durante o letramento levam o estudante a desenvolver, de forma satisfatória, suas competências e habilidades que, bem desenvolvidas durante a aprendizagem, são inseridas em seu contexto social. Leda Tfouni (2006, p.21) diz que "Enquanto a alfabetização ocupa-se da aquisição da escrita, o letramento concentra-se nos aspectos sócio-históricos da aquisição de um sistema escrito por uma sociedade".

O ensino da leitura e escrita, nas aulas de língua portuguesa, são formas que se completam no decorrer da aprendizagem. O letramento quando inserido nestes dois métodos finda o vazio da decodificação, levando sentido aos indivíduos desse processo. A leitura de um texto não começa na sala de aula, mas nas vivências que o leitor traz do seu meio social e que compartilha com os integrantes de seu contexto. A escrita, por sua vez, não só representa a fala graficamente e suas regras, mas compreender o que se escreve é fundamental para a interpretação do que se pretende transmitir através dos textos. Para Kleiman, letramento é:

Um conjunto de atividades envolvendo a língua escrita para alcançar um determinado objetivo numa determinada situação, associadas aos saberes, às tecnologias e às competências necessárias para a sua realização. Exemplos de práticas de letramento: assistir às aulas, enviar cartas, escrever diários. (KLEIMAN, 2005, p. 12)

O processo de ensino-aprendizagem durante as aulas de língua portuguesa, no ensino fundamental, tem de ir além de formas puramente significativas, pois com o letramento, o aluno pode aplicar o que aprendeu como forma de interação social. Bakhtin (2000, p. 320) esclarece que "o enunciado está ligado não só aos elos que o precedem, mas também aos que lhe sucedem na cadeia da comunicação verbal." Na atual perspectiva, a língua é expressão viva na fala, na leitura e na escrita, o que implica praticá-la dentro e fora da escola.

De maneira mais ampla, o letramento carrega uma pluralidade na construção de sentidos, são novas situações sociodinâmicas o que podemos chamar de multiletramentos, ou

seja, o “reconhecimento da diversidade étnica, linguística, identitária e cultural, assim como das múltiplas maneiras de se (re)construir sentidos pelas igualmente diversas formas e meios de comunicação” (ROCHA, 2010, p. 67), por isso os estudos desse conceito se multiplicam ano após ano.

O ponto central dessa concepção é transformar o ato de ler e escrever em práticas sociais, construindo, assim, a cidadania do aprendiz. Para Freire (2001) “a cidadania é uma invenção coletiva. Cidadania é uma forma de visão do mundo”. Nada mais compreensível que o letramento seja, também, a capacidade de se perceber como cidadão voluntário, capaz e participativo de sua sociedade.

1.2 LETRAMENTO LITERÁRIO

O letramento literário proporciona não só uma formação que vai além da mera capacitação de leitores de literatura, mas deve capacitá-los para a produção de uma escrita privilegiada, que começa na escola e pode se expandir para fora dela. No livro *Letramento Literário: teoria e prática*, de Rildo Cosson (2012), são abordadas questões levantadas pelos professores sobre o uso da literatura na sala de aula, diante do desafio de desenvolver no aluno o gosto da leitura literária. A obra é ordenada em três momentos: No primeiro, o autor avalia a literatura em seu valor social e o processo de leitura com base em suas várias teorias. No segundo momento, o autor apresenta práticas de letramento literário em sala de aula, com base em uma sequência didática básica e outra expandida. E no terceiro, apresenta oficinas didáticas com o objetivo de oferecer ferramentas ao professor para que seja desenvolvido um trabalho eficaz, lúdico e prazeroso na escola. Rildo Cosson ainda defende que a literatura deve ser ensinada na escola: “devemos compreender que o letramento literário é uma prática social e, como tal, responsabilidade da escola”. (Cosson, 2012. p. 23)

Para trabalhar a prática do letramento em sala de aula não existe um modelo a ser seguido, pois o que pode ser bom para uns pode não ser bom para outros, e isso não significa ir à sala de aula sem planejar suas atividades, contudo o docente tem a liberdade de reformular a sequência de suas ações. De acordo com Ângela B. Kleiman:

Não existe um “método de letramento”. Nem um nem vários. O letramento envolve a imersão da criança, do jovem ou do adulto no mundo da escrita e, nesse sentido, para conseguir essa imersão o professor pode:

- a) adotar práticas diárias de leitura de livros, jornais e revistas em sala de aula;
- b) arranjar paredes, chão e mobília da sala de tal modo que textos, ilustrações, alfabeto, calendários, livros, jornais e revistas penetrassem todos os sentidos do aluno-leitor em formação;
- c) fazer um passeio-leitura com os alunos pela escola ou pelo bairro. (KLEIMAN, 2005, p. 9)

Para pensarmos no letramento literário como aprendizagem, temos que pensar nos aspectos que fazem do aprendiz um “leitor/escritor letrado”, tais como: o aluno traz um conhecimento sociocultural de seu meio social; O aluno é sujeito participativo da ação interativa de aprendizagem; O aluno aumenta seu conhecimento ao participar das diferentes vivências culturais compartilhadas no ambiente escolar; O aluno desenvolve pensamento crítico e subjetivo em relação ao contexto em que vive.

Todos esses aspectos que a leitura literária promove são, primeiramente, desempenhados na escola e depois compartilhados pelos alunos no meio em que vivem. Cosson discorre:

Em primeiro lugar nossa leitura fora da escola está fortemente condicionada pela maneira como ela nos ensina a ler. Os livros, como fatos, jamais falam por si mesmos. O que os fazem falar são mecanismos de interpretação que usamos, e grande parte deles são aprendidos na escola. Depois a leitura literária que a escola objetiva processar visa mais que simplesmente ao entretenimento que a leitura de fruição proporciona. No ambiente escolar, a literatura é um *locus* de conhecimento e, para que funcione como tal, convém ser explorada de maneira adequada. (COSSON, 2012, p. 26-27)

Tais possibilidades permitem que o estudante desenvolva seus conhecimentos quando tem a oportunidade de interagir em sala de aula. Os objetivos citados pelas Orientações Curriculares de Linguagens para a Educação Básica do Estado de Mato Grosso (2010), para o trabalho com literatura, proporcionam a multiplicidade do saber literário, são eles:

1. Desenvolver conteúdos e atividades com valores que envolvam solidariedade, sentimento de justiça, de respeito ao meio ambiente e à multiplicidade cultural e que promovam a autoestima do estudante e do professor, ambos em contínuo processo de formação.
2. Proporcionar ao estudante a oportunidade de manter um contínuo contato com textos literários e outras artes.

3. Desenvolver experiências com arte literária de tal modo que o estudante possa sentir prazer no contato com a sua linguagem, familiarizar-se com seus recursos expressivos para apreciar, analisar e produzir textos literários.
4. Desenvolver experiências com arte literária em particular, e com outras formas de arte, relacionando-as entre si, como processo perceptivo, sensível, reflexivo e integrador de conhecimentos culturais.
5. Compreender a arte como expressão individual e coletiva de mudanças sociais em diferentes circunstâncias no tempo e no espaço; como modo de compreensão do mundo, para o qual se integram saberes de diferentes áreas; observar as mudanças ocorridas nas formas de expressão da arte, em função de suas relações com a tecnologia, nos diversos períodos da história.
6. Estudar obras locais, nacionais e internacionais, como meio de orientação para uma consciência de pertencimento, de identidade com o lugar de origem, cidade, país, continente e planeta, reconhecendo patrimônios artísticos naturais e culturais e sentindo necessidade de preservá-los para a manutenção da vida e do convívio harmônico entre os povos. Em relação a Mato Grosso, estimular a pesquisa e o registro de obras e sua articulação local, produtos culturais que ainda são conhecidos pela memória popular, oral. (OCs de Mato Grosso, 2010, p. 111)

Portanto, é imprescindível que a instituição de ensino dê oportunidade ao aprendiz de interagir com o mundo da literatura e expor suas reflexões ao entrar em contato com o universo que existe dentro de cada indivíduo, e, isso é possível quando há determinação e participação da escola.

1.3 CONSIDERAÇÕES ACERCA DA LITERATURA

A literatura mostra ao aluno um mundo de possibilidades, o que lhe permite assumir opiniões a respeito de seu espaço. O universo literário dá oportunidade ao aprendiz de ser um indivíduo participativo na sociedade, deixando de ser um sujeito submisso e passando, assim, a ser um sujeito reflexivo, por isso a literatura precisa ser apreendida com intensidade, podendo ser mais explorada, desafiada e vivida nas escolas. Segundo Antonio Candido (2004):

Literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. (CANDIDO, 2004, p. 175)

Fazer o uso da leitura literária uma função de prazer requer, segundo Lena Lois (2010, p.42), o “desejo de viver a história, pura e simplesmente”. Antes de qualquer atividade escrita ou oral, o texto literário é “alimento para ser rapidamente absorvido pela alma”. Assim, vemos que não importa a amplitude do significado que o leitor extraiu de uma obra, pois sempre que refizer leituras dessa mesma obra ele a redescobrirá e em cada nova leitura restará “um pedaço para ser consumido”. E é essa a maior mudança que o indivíduo recebe ao se sintonizar com o universo da literatura, a capacidade de se transformar.

A literatura também constrói a personalidade do sujeito, por meio da reflexão sobre sua postura e ação diante da sociedade em que vive. Deste modo, Cosson observa:

A leitura literária conduz a indagações sobre o que somos e o que queremos viver, de tal forma que o diálogo com a literatura traz sempre a possibilidade de avaliação dos valores postos em uma sociedade. Tal fato acontece porque os textos literários guardam palavras e mundos tanto mais verdadeiros quanto mais imaginados, desafiando os discursos prontos da realidade, sobretudo quando se apresentam como verdades únicas e imutáveis. Também porque na literatura encontramos outros caminhos de vida a serem percorridos e possibilidades múltiplas de construir nossas identidades. Não bastasse essa ampliação de horizontes, o exercício de imaginação que a leitura de todo texto literário requer é uma das formas relevantes do leitor assumir a posição de sujeito e só podemos exercer qualquer movimento crítico quando nos reconhecemos como sujeitos. (COSSON, 2014, p. 50)

Portanto, o processo de ensino-aprendizagem de língua portuguesa, acerca da literatura, não pode e não deve ser moderado, limitando-se ao ensino de gramática ou simples exercício de leitura, mas tem o papel de ser um exercício entre o indivíduo e seu meio social. Antonio Candido (2004), ainda, nos traz uma reflexão sobre o valor que a literatura pode desempenhar na formação que estabelece os direitos de todos nós, de forma que “o esforço para incluir o semelhante no mesmo elenco de bens que reivindicamos está na base de reflexão sobre os direitos humanos”. Vejamos:

Por quê? Porque pensar em direitos humanos tem um pressuposto: reconhecer que aquilo que consideramos indispensável para nós é também indispensável para o próximo. Esta me parece a essência do problema, inclusive no plano estritamente individual, pois é necessário um grande esforço de educação e autoeducação a fim de reconhecermos sinceramente este postulado. Na verdade, a tendência mais funda é achar que os nossos direitos são mais urgentes que os do próximo. Nesse ponto as pessoas são frequentemente vítimas de uma curiosa obnubilação. Elas afirmam que o próximo tem direito, sem dúvida, a certos bens fundamentais, como casa, comida, instrução, saúde, coisas que ninguém bem formado admite hoje em dia que sejam privilégio de minorias, como são no Brasil. Mas será que pensam que o seu semelhante pobre teria direito a ler Dostoievski ou ouvir

os quartetos de Beethoven? Apesar das boas intenções no outro setor, talvez isto não lhes passe pela cabeça. E não por mal, mas somente porque quando arrolam os seus direitos não estendem todos eles ao semelhante. Ora, o esforço para incluir o semelhante no mesmo elenco de bens que reivindicamos está na base da reflexão sobre os direitos humanos. (CANDIDO, 2004, p. 172)

Mais do que pensarmos em aprender por meio da leitura, o universo literário nos torna seres críticos que pensam no compartilhamento da cultura entre os indivíduos.

1.4 CONTRIBUIÇÕES DA ESTÉTICA DA RECEPÇÃO PARA SALA DE AULA

A Estética da recepção tem a finalidade de transformar o modo como recebemos e interpretamos a leitura literária, reconstruindo a “categoria histórica e social e, portanto, em contínua transformação”. A citada teoria, nascida em um protesto de estudantes, no ano de 1967, tinha como reivindicação reformas na educação. Os manifestantes eram contrários aos métodos tradicionais de ensino de leitura, pois, segundo Hans Robert Jauss (1994, p. 23), “ambos os métodos o formalista e o marxista, ignoram o leitor em seu papel genuíno”.

A Estética da recepção, que surge na tentativa de ultrapassar o formalismo, nos mostra por intermédio de Jauss (1967) que a “obra de arte” está entre o texto e o leitor, na expectativa de tentarmos entender o que o autor pensa ou fala ao escrever determinado texto, o que não era levado em conta com os métodos tradicionais de ensino. Nesse sentido, o autor não é mais um personagem do seu próprio texto, entretanto, “o leitor é a instância responsável por atribuir sentido àquilo que ele lê”.

Hans Robert Jauss (1979) exprime que por mais diferente que uma obra possa ser, sua realidade é precedida por fatores históricos, o que se torna substancial para seu domínio compreensivo. De modo igual, o vínculo entre a compreensão de mundo e a compreensão da linguagem literária é essencial para entendermos a ligação entre texto e leitor.

De acordo com Bragatto Filho (1999:14), “o texto literário não constitui, a priori, um texto utilitário. São os seus leitores que, a partir do diálogo com o mesmo, lhe atribuem diferentes funções ou finalidade”. Da mesma maneira, a obra literária “não se apresenta como novidade absoluta num espaço vazio, mas, por intermédio de avisos, sinais visíveis e invisíveis, traços familiares ou condições implícitas, que predis põem seu público para recebê-la” (JAUSS, 1994, p.28).

As autoras Maria da Glória Bordini e Vera Teixeira Aguiar (1993) criaram um procedimento que elas chamaram de **Método Receptional**, fundamentado na teoria da Estética da Recepção. Uma forma de trabalhar possibilidades com o ensino de literatura nas escolas. Assim, em concordância com os procedimentos metodológicos para o ensino de literatura, as Orientações Curriculares de Linguagens para a Educação Básica do Estado de Mato Grosso (2010) esclarecem que:

Deve-se estar atento a algumas condições fundamentais, no contexto do trabalho com Literatura: que não é possível ensiná-la, mas fazer uma mediação entre estudante-obra, de modo que ele, diante de uma obra, **queira/goste/leia/ participe/recrie**; que o professor deve ser um leitor consumado; que o estudante contemporâneo faça exercício frequente de leitura e escrita, mesmo que fora dos padrões exigidos pela escola, e esta possa promover uma reflexão acerca desse novo lugar de comunicação, ampliá-lo, conduzindo-o a outros lugares, outros textos que promoverão seu amadurecimento humano, ético, estético, intelectual. (Orientações Curriculares/ Área de Linguagens, 2010, p.111)

Desta forma, considera-se o método receptional como uma proposta produtiva para a incorporação da literatura em sala de aula. Segundo Bordini e Aguiar:

Receptividade, disponibilidade de aceitação do novo, do diferente, do inusitado; concretização, atualização das potencialidades do texto em termos de vivência imaginativa; ruptura, ação ocasionada pelo distanciamento crítico de seu próprio horizonte cultural, diante das propostas novas que a obra suscita; questionamento, revisão de usos, necessidades, interesses, ideias, comportamentos; assimilação, percepção e adoção de novos sentidos integrados ao universo vivencial do indivíduo. (BORDINI e AGUIAR, 1993, p. 88).

Bordini e Aguiar (1993), ainda, apresentam as etapas do Método Receptional:

- a) Determinação do horizonte de expectativas: na tentativa de pensar em estratégias de trabalho com a literatura em sala de aula, o professor tem o objetivo de verificar a preferência de leitura e o estilo de vida dos estudantes por meio de conversas informais;
- b) Atendimento do horizonte de expectativas: momento em que os alunos entram em contato com textos literários a partir de seu interesse, com o objetivo da leitura por prazer;
- c) Ruptura do horizonte de expectativas: sugere situações de motivação com os textos literários a partir de situações hipotéticas;
- d) Questionamento do horizonte de expectativas: verificação dos conhecimentos relacionados ao interesse e motivação que os alunos adquiriram em contato com o mundo literário;

e) Ampliação do horizonte de expectativas: refere-se a amplitude do entendimento que os estudantes adquirem com a sua formação leitora ao explorar os sentidos relacionados ao mundo literário e ao meio em que vivem.

Nesse sentido, a instituição escolar tem papel fundamental no processo de construção e transformação do saber que o aluno traz de seu meio social associado ao saber adquirido na escola, aprimorando, assim, seu “horizonte de expectativas”. Jauss, assim, apresenta:

O horizonte de expectativa da literatura distingue-se daquele da práxis histórica pelo fato de não apenas conservar as experiências vividas, mas também antecipar possibilidades não concretizadas, expandir o espaço limitado do comportamento social rumo aos novos desejos, pretensões e objetivos, abrindo, assim, novos caminhos para a experiência futura. (JAUSS, 1994, p. 52)

Essa reflexão mostra que a Estética da Recepção, posta em sala de aula, é muito eficiente, pois é a partir do conhecimento prévio do aluno que os textos literários se desenvolvem no ambiente de aprendizagem, lugar de desafio e crescimento que envolve o escritor e o texto com as diversas formas de interpretação que parte do leitor. Assim, “o leitor é a instância responsável por atribuir sentido àquilo que ele lê”.

1.5 LITERATURA NA ESCOLA

Entendemos que ninguém consegue se aperfeiçoar nas habilidades e competências exigidas pela leitura e escrita sem as experiências didáticas cotidianas, o que podemos chamar de expressões letradas. Para que a literatura seja vivenciada nessas experiências diárias, cabe à escola – professor, bibliotecário e funcionários em modo geral – estimular a prática da leitura literária por curiosidade e prazer. É no ambiente de ensino que a sociedade confia a responsabilidade de reverter os numerosos problemas carregados pela falta de entendimento durante a leitura de textos. Sobre o sentido dessa prática social na escola, Zilberman destaca:

O exercício dessa função [...] é delegado à escola, cuja competência precisa tornar-se mais abrangente, ultrapassando a tarefa usual de transmissão de um saber socialmente reconhecido e herdado do passado. Eis porque se amalgamam os problemas relativos à educação, introdução à leitura, com sua consequente valorização, e ensino da literatura, concentrando-se todos na escola, local de formação do público leitor. (ZILBERMAN, 1991, p. 16)

A ideia é que o ensino de literatura não seja adquirido de forma repressora e como obrigação, deixando de lado o valor social e cultural. Mas que a literatura seja assumida como papel humanizador, uma vez que atua em nós como um saber, um conhecimento. Antonio Candido (2004) diz que a humanização é:

O processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos à natureza, à sociedade e ao semelhante. (CANDIDO, 2004, p. 180)

Assim, a literatura é a expressão viva que o sujeito desenvolve em seu corpo social. E experimentar as potencialidades desse universo dará ao indivíduo a oportunidade de explorar seus horizontes de leitura.

1.6 A PRODUÇÃO DE TEXTOS A PARTIR DA LEITURA LITERÁRIA

As características de um bom leitor e escritor se modificam constantemente com as novas gerações. Mas há atributos que ainda são importantes, desde as leituras nas tabernas, é fato que um excelente leitor se comporta com boa entonação e fluência. E um proficiente produtor de textos não só domina o uso da norma culta, mas é aquele que transmite criatividade e que tem consciência das implicações de sentido de suas produções. São diferentes situações que precisam ser dominadas pela sociedade letrada, sendo para essas habilidades um desenvolvimento contínuo por se tratar de um processo. Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (1997), sobre a especificidade do texto literário, ressaltam que:

O tratamento do texto literário oral ou escrito envolve o exercício de reconhecimento de singularidades e propriedades que matizam um tipo particular de uso da linguagem. É possível afastar uma série de equívocos que costumam estar presentes na escola em relação aos textos literários, ou seja, tomá-los como pretexto para o tratamento de questões outras (valores morais, tópicos gramaticais) que não aquelas que contribuem para a formação de leitores capazes de reconhecer as sutilezas, as particularidades,

os sentidos, a extensão e a profundidade das construções literárias. (PCNs de Língua Portuguesa; 1998:27)

Um dos fatores responsáveis pelo sucesso ou fracasso no processo de ensino da escrita, na escola, são as relações que dispõem com a leitura. Os perfis dos alunos são diferenciados, mas é necessário que o professor desperte em seu aprendiz a capacidade da reflexão por prazer em ler e, posteriormente, escrever. Lena Lois diz:

Para que o estudante veja o ato de ler com outros olhos; ou melhor, para que ele resgate o prazer de ler, é necessário que o professor dialogue com a leitura como quem dialoga com a arte, buscando nela sua capacidade de fazer contemplar e refletir, e que trace nesse triângulo -professor/ leitura/ estudante - uma comunicação escolarizada, porém, menos pedagogizada e mais preocupada com o prazer do texto. (LOIS, 2010, p. 82)

Observando como o texto é utilizado, o professor mostra ao aluno/produtor a diversidade dos textos literários e promove o despertar da reflexão, do prazer e do desafio do estudante como autor de textos. Assim, vemos que a produção de textos é um complemento da leitura, ou seja, é parte do processo do Letramento Literário. Segundo Conceição (2004, p. 324), “faz-se necessário que a prática de correção leve de fato o aluno à reflexão sobre seu próprio discurso e sobre os possíveis efeitos de sentido que seu dizer produzirá no interlocutor”.

Para Cosson (2012, p. 16) “nosso corpo linguagem é feito das palavras com que o exercitamos, quanto mais eu uso a língua, maior é o meu corpo linguagem, e, por extensão, maior é o meu mundo”. O “uso coletivo e individual” do qual o sujeito letrado se apropria traz amplos e diferentes sentidos para as palavras. Um dos mais importantes exercícios do corpo linguagem é a escrita, pois “é por meio dela que armazenamos nossos saberes, organizamos nossa sociedade e nos libertamos dos limites impostos pelo tempo e pelo espaço.”

Escrever é, sobretudo, praticar o discurso, é relacionar a leitura com o sujeito e suas produções e interações vividas ao longo de sua trajetória. As práticas da leitura e escrita devem ser provocadas permanentemente no espaço da sala de aula com atividades e leituras simultâneas em que o professor não desprezará o cânone e nem a atualidade. Segundo Cosson (2012, p. 36), “é assim que tem lugar na escola o novo e o velho, o trivial e o estético, o

simples e o complexo e toda a miríade de textos que faz da leitura literária uma atividade de prazer e conhecimento singulares”.

Pensando em fazer da leitura literária uma prática permanente em sala de aula, mas, também, fora dos muros escolares, cabe ao professor planejar o que será trabalhado durante o ano sem esquecer que os alunos podem participar da seleção das leituras. É necessário que antes o docente conheça o gosto dos estudantes para que no momento da escolha ele possa sugerir textos e obras que possam interessar aos futuros leitores. Cosson (2012, p.47) alerta sobre essa comunidade de leitores ao dizer que “é essa comunidade que oferecerá um repertório, uma moldura cultural dentro da qual o leitor poderá se mover e construir o mundo e a ele mesmo.”

Confirmando o presente conceito, sobre o trabalho da literatura em sala de aula, podemos concordar com a seguinte declaração de Leite:

Talvez a diretriz pedagógica mais importante no trabalho (...dos professores), tanto na pré-escola quanto no ensino médio, seja a utilização da escrita, em sala, correspondendo às formas pelas quais ela é utilizada verdadeiramente nas práticas sociais. Nesta perspectiva, assume-se que o ponto de partida e de chegada do processo de ensino-aprendizagem da língua é o texto falado ou escrito, caracterizado pela unidade de sentido que se estabelece numa determinada situação discursiva. (LEITE, 2001 p. 25)

Conhecer a realidade e depois trazer possibilidades de trabalho com leitura e produções textuais, para os alunos, poderá desenvolver o interesse nesse tipo de aprendizagem.

Aprender por meio de projetos é responder a uma prática social. Assim, o trabalho com projetos de letramento é a preparação da identidade do aluno que assume a aprendizagem como uma maneira de (re)construção de suas ações.

2. METODOLOGIA

Sabendo que o aprendizado da escrita, por parte da criança, baseia-se na leitura e que o aprendizado da leitura influenciará no desenvolvimento da sua capacidade de escrever, o professor tem o compromisso de apresentar a ela um mundo ainda não imaginado, construindo a compreensão da leitura por prazer aliada aos vários gêneros textuais e situando sua aprendizagem no meio em que vive. Segundo Ângela Kleiman:

O aluno poderá tornar-se ciente da necessidade de fazer da leitura uma atividade caracterizada pelo engajamento e uso do conhecimento, em vez de mera recepção passiva. [...] o conhecimento adquirido determina, durante a leitura, as inferências que o leitor fará com base em marcas formais do texto. O conhecimento linguístico, o conhecimento textual, o conhecimento de mundo devem ser ativados durante a leitura para poder chegar ao momento de compreensão, momento esse que passa despercebido, em que as partes discretas se juntam para fazer um significado. O mero passar de olhos pela linha não é leitura, pois leitura implica uma atividade de procura por parte do leitor, no seu passado, de lembranças e conhecimentos, daqueles que são relevantes para a compreensão de um texto que fornece pistas e sugere caminhos, mas que certamente não explicita tudo o que seria possível explicitar. (KLEIMAN, 2004, p. 26)

Em pesquisa realizada na Escola Estadual Lucas Pacheco de Camargo, nas séries do Ensino Fundamental II, a partir de um questionário desenvolvido para este trabalho, constatou-se que os alunos do 9º ano leem em média dois livros anualmente, nenhum deles são exigidos pelos professores de língua portuguesa e raramente é retirado na biblioteca pela leitura sem compromisso. Vejamos o que dizem Linhares e Ferreira:

É com o objetivo de fazer com que os alunos cheguem à compreensão de textos, que a escola deve agir. No entanto, o que se percebe é um trabalho deficiente de tentar fazer dos alunos bons leitores, o que, infelizmente, não ocorre. E a leitura de textos proposta pelas escolas, passa a ser um pretexto para ensinar gramática. Dessa maneira, não há contribuição para a reflexão e pela busca de sentido do texto pelo aluno (LINHARES; FERREIRA, 2009, p. 308).

Sobre essa deficiência que precisa ser superada, é no ambiente escolar que se criam sugestões para um trabalho prazeroso e que desperte interesse no aprendiz.

Levando em conta o que foi dito acima, a metodologia da presente pesquisa foi dividida em três etapas: a apresentação do tema proposto para a comunidade escolar; a aplicação do questionário sobre a importância e influência da leitura na vida dos estudantes; e o resultado do projeto na vida dos alunos.

3. ANÁLISE DOS DADOS DA PESQUISA

Fizemos um levantamento sobre a influência da leitura e a importância que os alunos e seus familiares dão a essa prática social por meio de um questionário. Logo após recebermos as respostas dos estudantes produzimos um debate oral sobre suas conclusões e suas possíveis sugestões para o desenvolvimento e gosto da literatura por meio da leitura no contexto juvenil.

Por não se tratar apenas de objeto de estudo, já que foi aplicado um projeto de intervenção para a prática da leitura literária sem obrigação, pode-se caracterizar esse trabalho como sendo qualitativo o que, conseqüentemente, proporcionou, aos estudantes, novas formas de lidar com o universo literário dentro e fora do ambiente escolar.

O questionário inicial serviu para nortear os problemas e as possíveis soluções para a prática da leitura literária.

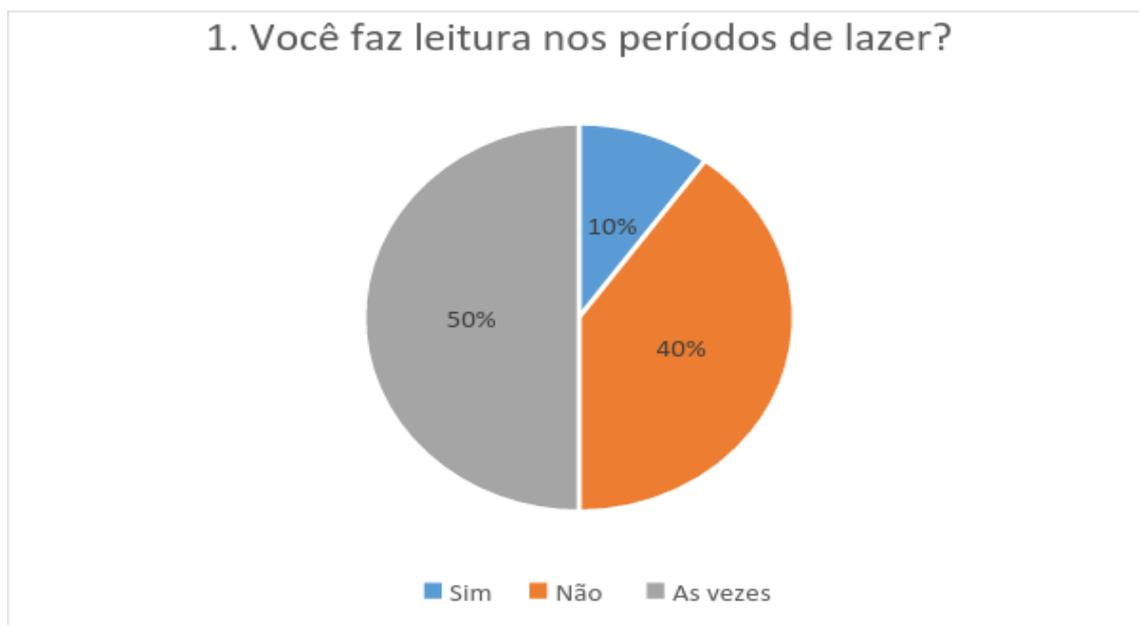
- **Questionário sobre a importância e a influência da leitura na vida dos alunos**

Apelido: _____

1. Você faz leitura nos períodos de lazer?	sim	Não	às vezes
2. Seus pais têm o costume de fazer alguma leitura diária?	sim	Não	às vezes
3. Seus pais gastam algum dinheiro com livros, revistas ou gibis?	sim	Não	às vezes
4. Você costuma fazer algum tipo de leitura?	Sim	Não	às vezes
5. Algum professor faz exigência de alguma leitura para sua disciplina?	sim	Não	às vezes

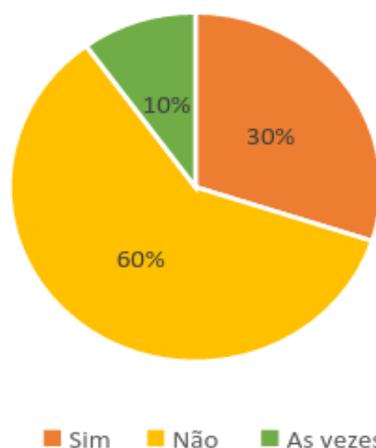
6. Você costuma ir à biblioteca da escola ou alguma biblioteca pública para fazer empréstimos de livros de literatura?	sim	Não	às vezes
7. Você acessa a internet em casa, na escola ou pelo celular?	sim	Não	às vezes
8; Você faz leitura pela internet?	sim	Não	às vezes
9. Você acredita que a leitura pode trazer benefícios para a vida de um jovem?	sim	Não	às vezes

As respostas do questionário foram registradas com suas porcentagens nos gráficos abaixo. Vejamos:



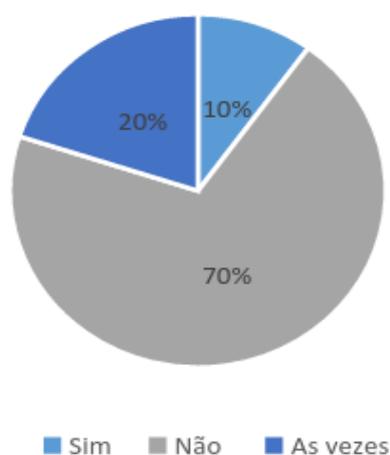
Percebe-se que 10% dos alunos fazem algum tipo de leitura nos momentos de lazer. Durante o debate oral, alguns estudantes disseram que era mais interessante assistir televisão ou ficar na rua conversando com os amigos.

2. Seus pais têm o costume de fazer alguma leitura diária?



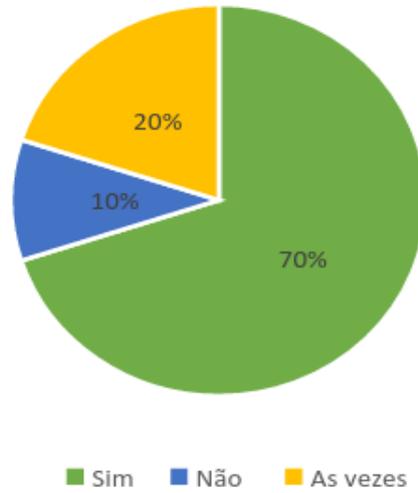
Alguns estudantes disseram que os 30% de pais que leem diariamente têm o hábito de ler a Bíblia ou jornais. Nenhum dos pais dos estudantes são leitores de obras literárias. Os 10% que leem às vezes costumam ler revistas de beleza e de fofocas que compram em supermercados.

3. Seus pais gastam algum dinheiro com livros, revistas ou gibis?



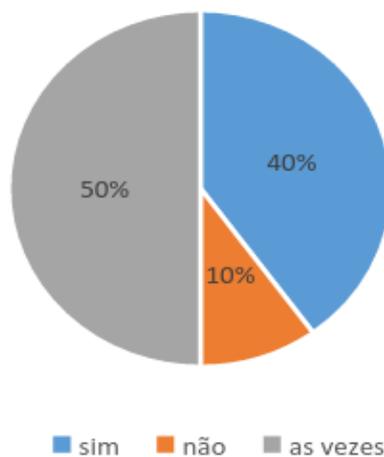
Segundo os alunos, os 10% dos pais que gastam dinheiro com leitura para seus filhos costumam dar de presente gibis e raras vezes compram livros por ter um custo alto, o que pode comprometer o orçamento da família.

4. Você costuma fazer algum tipo de leitura?

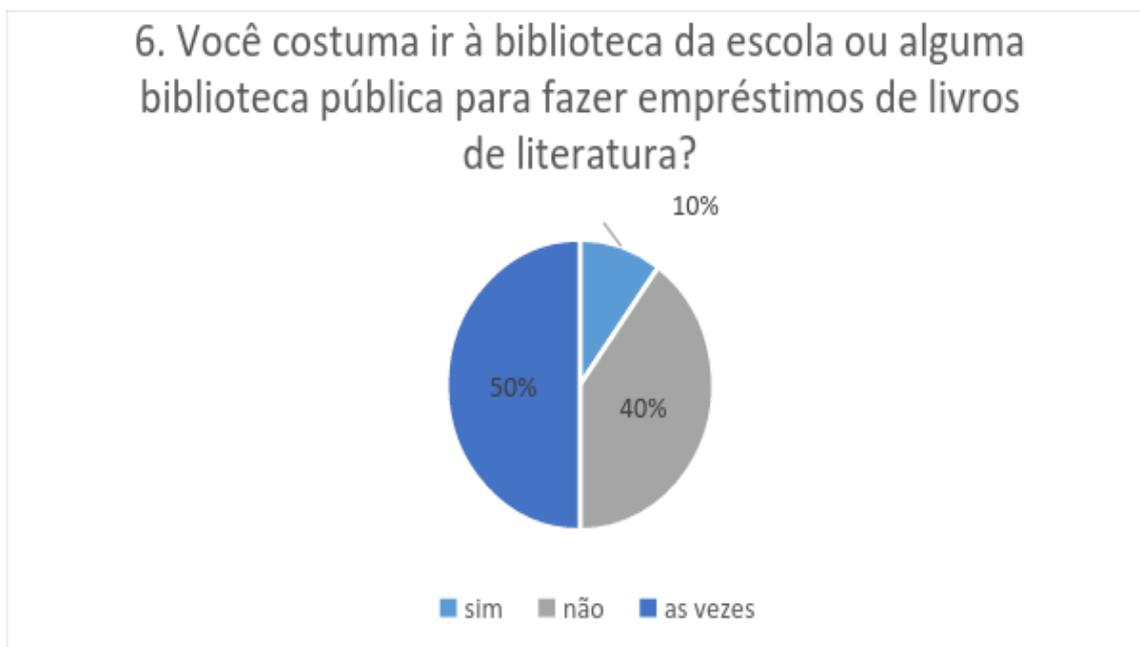


Durante a conversa, os alunos diversificaram os tipos de leitura que fazem, exemplos são as leituras de textos da internet, durante pesquisas das disciplinas, quando vão ao laboratório de informática da unidade escolar, leitura de gibis, revistas em quadrinhos e livros que são escolhidos quando são levados à biblioteca nas aulas de língua portuguesa. Percebe-se, desta forma, que o principal local de leitura destes estudantes se efetiva na escola.

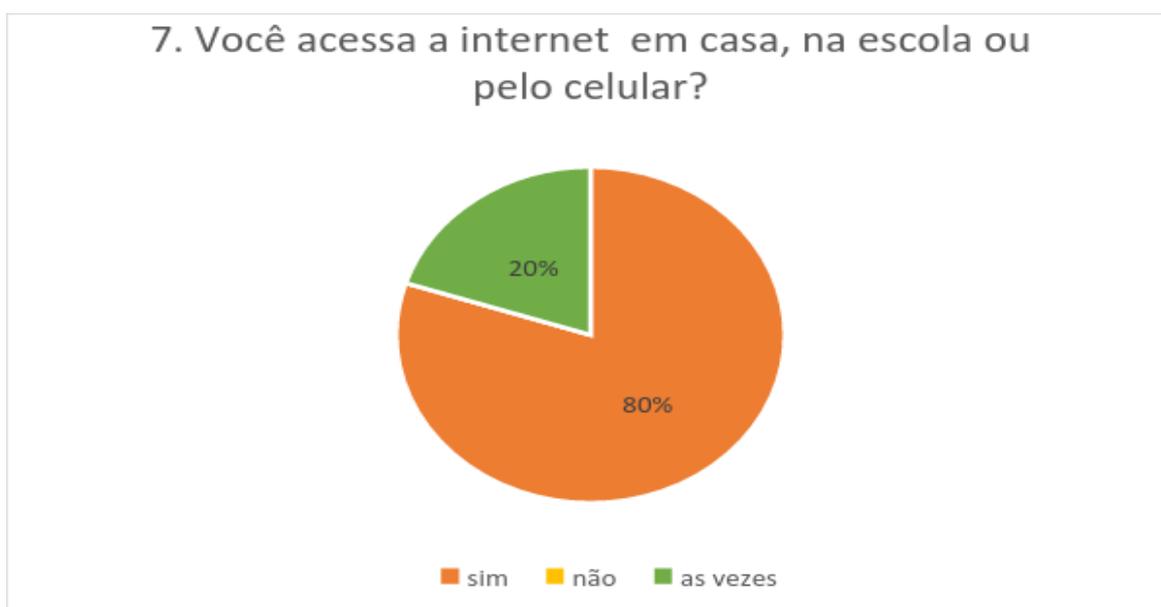
5. Algum professor faz exigência de alguma leitura para sua disciplina?



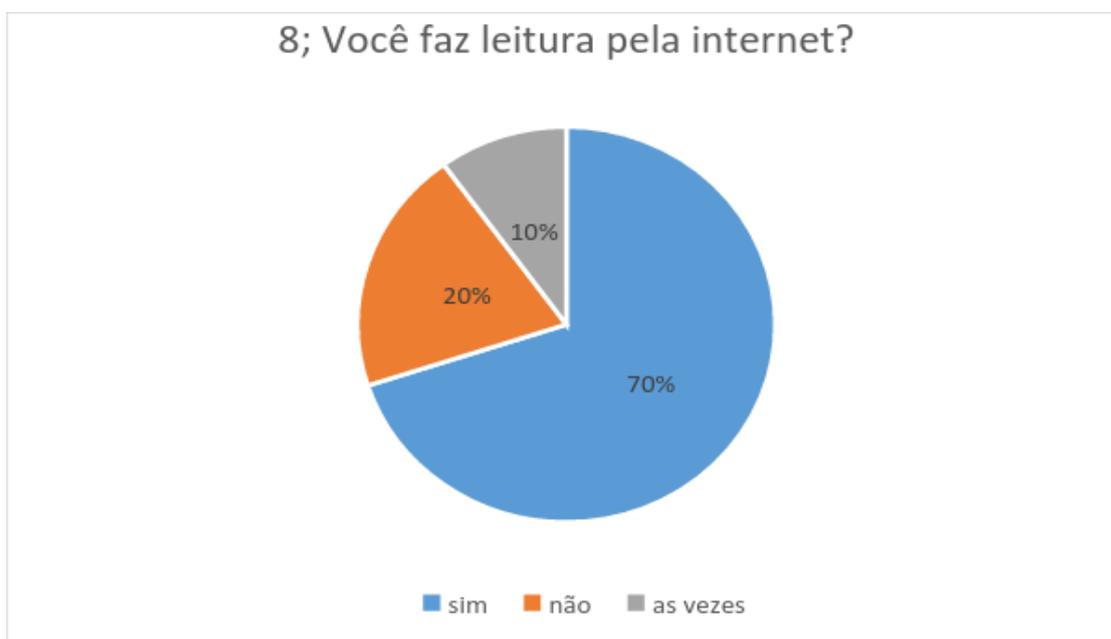
A maioria citou os textos que levam para casa como tarefa e os livros recomendados pela professora de língua portuguesa.



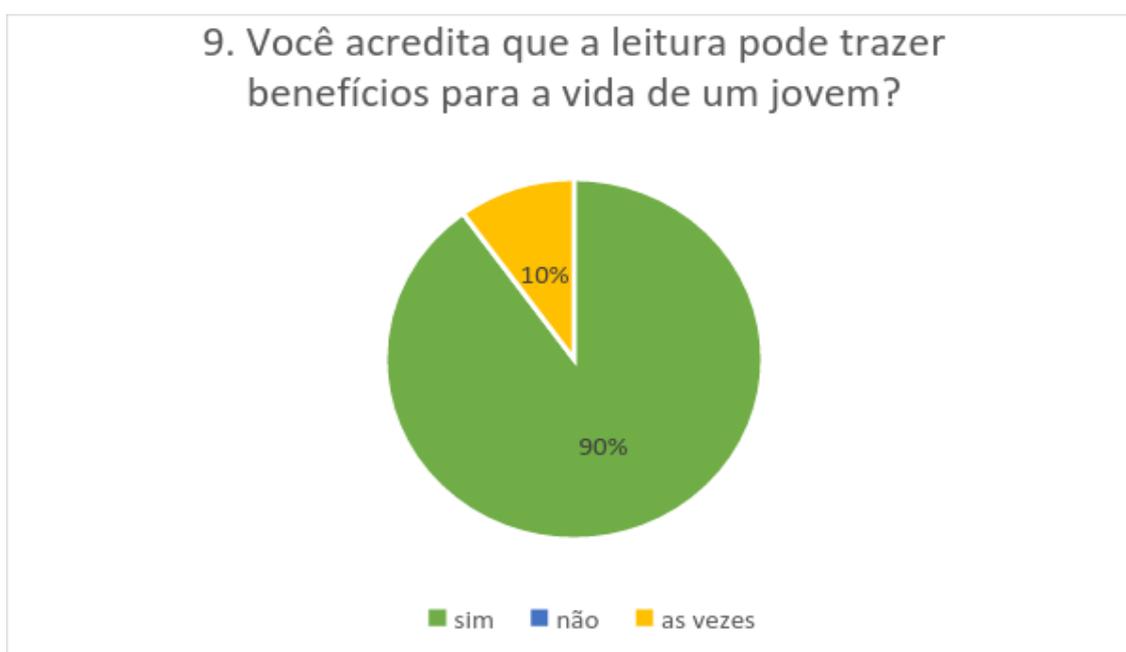
Os 50% que vão às vezes à biblioteca costumam frequentar o ambiente da própria escola. E os 10% que sempre vão costumam também ir à biblioteca pública da cidade.



A maioria tem acesso à internet, mas geralmente utilizam o computador do laboratório de informática da escola ou a rede Wi-Fi da própria unidade escolar para acessar pelo celular. São raros os alunos que têm internet em casa.



Os que dizem fazer leitura pela internet fazem, na maioria das vezes, na escola. A leitura é, geralmente, incentivada pelo professor para pesquisas das disciplinas.



Entre os benefícios citados, pela maioria dos estudantes, estão interpretar os textos mais rapidamente, saber escrever melhor, saber se comunicar melhor, ampliar o conhecimento por meio do universo que a leitura pode oferecer para quem lê.

3.1 A CULTURA DA LEITURA NÃO É REALIDADE

O resultado nos mostrou que a cultura da leitura não fazia parte da realidade dos alunos desta escola. Os pais não têm o costume de cobrar leitura dos filhos, ir à biblioteca por prazer não faz parte de seu cotidiano, mas eles navegam e leem textos da internet, no ambiente escolar, e, a maioria acredita que a leitura pode trazer benefícios para sua vida e que a família e escola podem contribuir com esse processo. O questionário investigativo foi aplicado na tentativa de estabelecermos a meta da leitura literária por prazer e a ida à biblioteca como lazer e não como obrigação.

Constantemente, percebemos que formas de prazer, para o aprendiz, é navegar na internet, andar de bicicleta, fazer um passeio com a família. Dificilmente ouvimos dizer que o aluno se divertiu durante uma leitura literária. O desafio aqui é tornar a leitura de literatura uma fonte de prazer para os jovens.

De acordo com Aguiar (2011), a experiência com a leitura é apresentada desde cedo à criança, quando ainda é um bebê, os pais compram CDs de cantigas de ninar, durante o crescimento contam as histórias infantis na hora de dormir, mostrando o universo fantástico do conto de fadas.

Na iniciação escolar, constantemente são encantados pelas cantigas de roda e histórias de ficção. Crescem mais um pouco e são atraídos pelos “famosos causos” da região, contados pela geração mais antiga de seus parentes. Mas o erro começa a acontecer quando os pais não presenteiam mais seus filhos com livros, quando as crianças não têm referência de leitores em casa, muitas vezes isso é reflexo do fator socioeconômico da família. Segundo Aguiar:

Se as primeiras experiências com a linguagem dão origem a esse processo, então os exemplos dos pais, dos irmãos mais velhos e de todos aqueles que convivem com os pequenos representam modelos a serem imitados. No entanto, muitas vezes, o ambiente familiar carece de material escrito, os adultos são analfabetos, mas o incentivo à leitura está presente, valorizando-a. As pessoas que não tiveram oportunidades de ingressar no mundo letrado depositam em seus filhos a esperança da vitória na luta com a escrita. (AGUIAR, 2011, p. 110)

A situação tende a piorar, infelizmente, quando a literatura começa a ser tratada como requisito para “tirar nota boa” na escola, a homenagem para o dia das mães passa a ser atividade avaliativa, com a declamação de poemas, apresentação de determinada canção para o dia da Independência do Brasil. Finalmente, não há escolha para o estudante no término do Ensino Fundamental e todo o Ensino Médio quando se deparam com a assustadora prova do livro literário. De acordo com Aguiar,

Precisamos, sobretudo, provocar novos interesses, de modo a multiplicar as práticas leitoras e diversificar os materiais à disposição do público. O ato de ler significa diálogo com o texto, descoberta de sentidos não-ditos e alargamentos dos horizontes do leitor para realidades ainda não visitadas. (AGUIAR 2011, p. 114)

Lena Lois (2010, p. 89) faz algumas observações sobre as práticas em sala de aula para que observemos com cuidado a receptividade dos alunos com alguns textos e o porquê da resistência de outros. A escritora ainda ressalta que podemos oferecer “uma poesia num dia, uma crônica no outro.” Sugerindo, também, que tragam de casa alguma leitura interessante, fazendo com que eles possam participar da ação de escolha dos textos.

3.2 A PROPOSTA E O PROJETO

A proposta desta pesquisa foi levar para sala de aula, dos 21 alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, da Escola Estadual Lucas Pacheco de Camargo, alguns gêneros literários associados às atividades voltadas para leitura e produção de textos por meio do Gênero Textual Carta. Os gêneros vão se transformando na medida em que a vida evolui, um exemplo é o Gênero Carta em seus mais diversos contextos (pessoal, íntima, comercial, carta do leitor, carta aberta etc.). Segundo Brandão (2005, p. 20) “um gênero, no entanto, não é uma forma fixa[...]. Não se pode perder de vista seu aspecto histórico e cultural [...]”.

Fazer o planejamento antes de executar qualquer atividade é essencial. Da mesma maneira que planejar a leitura é importante para possibilitar o desenvolvimento das capacidades leitoras. Preparar-se para a escrita é também muito relevante para que o texto se desenvolva da melhor forma possível.

A presente proposta veio ao encontro do plano anual dos professores de língua portuguesa desta escola que tem uma característica de trabalho de levar em consideração o meio social do aluno. O livro didático adotado pela escola foi o “*Português: Linguagens, 9º*

ano: *Língua Portuguesa*” de Willian R. Cereja e Thereza C. Magalhães, 7ª edição, editora Saraiva, ano 2012, que também contribuiu com o planejamento e sequência das atividades.

A intenção, desta pesquisa, é que a literatura seja abordada de forma cotidiana na escola. Temos a condição de fomentar a leitura literária nas famílias, e, se os pais não têm o hábito de ler, que seja a partir dos seus filhos, apoiando-se nas propostas pedagógicas da **formação de leitores**, o primeiro passo para a construção da **comunidade de leitores**. Segundo Cosson:

A formação de leitores é uma atividade pedagógica, um processo de aprendizagem, independentemente de ser realizado de maneira formal na escola ou por meio de esforço próprio do indivíduo, como se conhece o caso dos autodidatas. Já uma comunidade de leitores é um espaço de compartilhamento de textos, sentidos, conceitos, práticas e tudo o mais que nos constitui como leitores dentro daquele espaço. Dessa maneira, é possível dizer que um leitor se forma participando de várias comunidades de leitores. (COSSON; 2014, p. 122)

3.3 A EXPERIÊNCIA DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA

O uso da Sequência Didática, para o ambiente escolar, tem a finalidade de ajudar o professor a facilitar o entendimento, organizar as atividades e estimular a aprendizagem da língua, por meio dos gêneros textuais, em sala de aula. Segundo Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p.82), “a sequência didática é um conjunto de atividades escolares organizadas de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito.” De acordo com os autores, o trabalho dá-se por meio de situações sociocomunicativas que visa o ensino de um gênero textual. Logo, a produção inicial do aprendiz irá referendar o professor para os diagnósticos que deverá seguir durante a aplicação das atividades. Uma vez que o processo de ensino-aprendizagem possibilita a interação entre texto, aluno e professor/mediador, fica evidente que o trabalho com as sequências didáticas tem o papel de estimular as aulas de língua portuguesa, acabando com o ensino engessado e tradicionalista de se estudar gramática em um dia, leitura em outro, e, ampliando, por meio dos gêneros orais e escritos, a aprendizagem.

PROJETO: O Letramento Literário por meio do Gênero Carta

Muitos alunos pensam que escrever cartas tem apenas uma ou outra finalidade. Alguns sentem dificuldades para escrever o assunto e, outros, para compor os elementos desse gênero textual. Isso ocorre porque o costume deste tipo de escrita vem sendo pouco utilizado. A intenção, aqui, é trabalhar com o letramento literário, todavia, fazendo uso de temas que possam partir do interesse e participação do aprendiz, sobretudo, com a supervisão do professor.

Objetivos Gerais

- Possibilitar ao estudante a interação com a leitura literária associada ao prazer em produzir cartas;
- Criar um ambiente de interação verbal;
- Promover o hábito da leitura e da escrita;
- Provocar a capacidade de interpretar textos;
- Desafiar a imaginação do aluno.

Sequência de Atividades

A partir de **4 temas** com propostas de leituras e de produções de cartas, que envolvem gêneros literários (narrativas, poemas e romance), os alunos desenvolveram suas habilidades e competências no processo de aprendizagem em sala de aula, o que despertou o prazer pela leitura e escrita de textos.

Tema 1: O livro escolhido

Objetivo específico:

- Mobilizar a turma para a etapa de Planejamento;
- Promover a troca de experiências com as leituras já realizadas;
- Proporcionar um momento de interação entre leitores, livros e histórias;
- Explorar os conhecimentos prévios da turma sobre planejamento e leitura.

Material: Papel Sulfito; caneta.

Tempo: 1º e 2º bimestres

Momento 1

Fomos à biblioteca da escola e os estudantes puderam escolher livros que lhes interessavam. Os alunos tiveram duas semanas para ler o livro escolhido, e, para alguns que não conseguiram terminar a leitura foi estendido o prazo de mais uma semana, mas era preciso praticar a leitura diariamente.

Momento 2

Houve a explicação sobre as etapas do planejamento e o conceito do “Gênero Carta” para que os estudantes pudessem estruturar as cartas produzidas.

Momento 3

Aconteceu a troca de experiências entre os leitores. Após a distribuição de uma folha de papel para cada aluno, foi pedido que eles pudessem escrever uma carta para um colega da sala, contando sobre sua aventura com o livro que leu ou que estava lendo. E para garantir que todos recebessem uma carta, foi seguido o modelo da brincadeira do “amigo secreto”. Foi de extrema importância utilizar as questões abaixo para ajudá-los a refletir sobre suas vivências antes de escrever as cartas e para que o conteúdo de suas produções não fosse tão limitado:

- a. Qual o nome do livro que está lendo e o nome do autor?
- b. Quais foram suas maiores dificuldades durante a leitura?
- c. Como você buscou superar as suas dificuldades na leitura?
- e. Você recomendaria essa leitura ao seu colega? Por quê?
- f. Conte uma dica do que você faz para o bom desenvolvimento da sua leitura!

Momentos 4, 5 e 6

Foram feitas as correções das produções e a reescrita. Os jovens levaram suas produções para casa para preencher seus endereços residenciais para que as cartas fossem postadas e entregues pelos correios.

Avaliação

Observamos as expressões e atitudes dos alunos, se eles estavam motivados para ler (ainda que não tivessem gostado do livro escolhido). Avaliamos o gosto pela leitura literária e como eles se desenvolviam como produtores de sua própria opinião.

Tema 2: Escrevendo Contos fantásticos

Objetivos Específicos:

- Mobilizar a turma para o gosto pela leitura e produção de textos;
- Proporcionar um momento de interação entre leitores, escritores e suas histórias;
- Desenvolver a capacidade da imaginação com as características do Conto fantástico;
- Instigar a criatividade que o aluno tem dentro de si.

Material: Papel Sulfite; caderno; caneta.

Tempo: 4 aulas

1ª Aula

Lemos o conto “O homem que entrou pelo cano”, de Ignácio de Loyola Brandão. Foram apresentadas aos alunos características do Conto Fantástico. Discutimos o tema do conto. Os estudantes responderam a um questionário sobre a leitura. Os alunos levaram o texto “O homem do furo na mão”, de Ignácio de L. Brandão para praticar a leitura em casa.

2ª Aula

Debatemos sobre o texto lido em casa. Discutimos o conceito e características dos contos fantásticos. Para trabalharmos as características desse gênero e desenvolvermos a criatividade, os alunos escreveram cartas aos colegas de classe em que o conteúdo foi a produção de um conto fantástico.

3ª Aula

Os estudantes terminaram a escrita da carta e fizeram a reescrita após a correção individual.

4ª Aula

Os alunos trocaram as cartas entre si e fizeram a leitura oral das cartas recebidas.

Avaliação

Observamos a participação, o entendimento de interpretação dos textos e a capacidade de criação que o aluno desenvolveu durante o trabalho desse tema.

Anexos

O HOMEM QUE ENTROU PELO CANO

Abriu a torneira e entrou pelo cano. A princípio incomodava-o a estreiteza do tubo. Depois se acostumou. E, com a água, foi seguindo. Andou quilômetros. Aqui e ali ouvia barulhos familiares. Vez ou outra um desvio, era uma seção que terminava em torneira. Vários dias foi rodando, até que tudo se tornou monótono. O cano por dentro não era interessante. No primeiro desvio, entrou. Vozes de mulher. Uma criança brincava. Ficou na torneira, à espera que abrissem. Então percebeu que as engrenagens giravam e caiu numa pia. À sua volta era um branco imenso, uma água límpida. E a cara da menina aparecia redonda e grande, a olhá-lo interessada. Ela gritou: “Mamãe, tem um homem dentro da pia”. Não obteve resposta. Esperou, tudo quieto. A menina se cansou, abriu o tampão e ele desceu pelo esgoto.

Ignácio de Loyola Brandão

Questionário sobre o texto “O homem que entrou pelo cano”

1. Que outro título você daria ao texto? Por quê?
2. Qual o significado abstrato de “entrar pelo cano”?
3. O texto faz parte o gênero textual Conto, uma forma de narrativa que costuma apresentar os seguintes aspectos: personagens, foco narrativo, espaço e tempo. Reveja-os no texto, cite os personagens e trace o perfil deles.
4. O espaço dessa narrativa é inusitado. O que você esperava encontrar nesse texto se confirmou? Que outro final você daria ao texto? Reescreva-o.

O texto “O homem do furo na mão” encontra-se nos anexos deste trabalho (página 83). O questionário desse texto foi desenvolvido a partir de uma análise reflexiva dos

estereótipos dos personagens, sobre a discriminação vivida pelo protagonista e sobre o momento histórico do Brasil em que Inácio de Loyola Brandão escreveu o conto (1976), época da ditadura militar.

1. Desenvolva uma reflexão em forma de texto sobre os perfis dos personagens. Compare a discriminação vivida pelo protagonista com situações já vivenciadas por você ou algum conhecido.

2. O ano em que esse conto foi criado (1976) nos leva a refletir sobre uma crítica do autor ao momento vivido naquela época, a ditadura militar, que tenta “uniformizar” o comportamento dos brasileiros. Pesquise sobre esse momento histórico do Brasil. Você poderá ser chamado para falar sobre o assunto nas próximas aulas.

Tema 3: Conte um Causo

Objetivos Específicos:

- Reconhecer a importância da narrativa oral através das narrativas populares “A onça”, de Nanci Silva e “O causo do Lobisomem”, de Caipira Timóteo;
- Praticar a produção através da escrita de um “causo” da região.

Material: folha sulfite, lápis, borracha, caneta.

Tempo: 4 aulas

Atividades

1ª Aula

Fizemos a leitura dos textos, coletivamente, e falamos sobre a variação existente na linguagem, além de um debate com os seguintes questionamentos:

- Escrevemos um causo da mesma maneira que o contamos?
- Antes de escrevermos um causo, o que é fundamental conhecermos?
- Que características os textos que foram lidos têm que nos ajudam a entender melhor a história narrada?

- Quais recursos são usados pelo escritor para que o texto tenha características de um caso?

2ª Aula

Conversamos sobre os casos da região, foi pedido que eles contassem algum caso e que fizessem uma pesquisa com familiares mais velhos sobre outros casos.

3ª Aula

Os alunos escreveram uma carta a outro colega da classe contando com suas palavras um caso que aprendeu em seu ambiente familiar. Fizemos a correção e reescrita dos textos.

4ª Aula

As cartas foram trocadas entre os colegas e, depois, foi realizada a leitura oral das cartas recebidas.

Avaliação

Foi possível avaliar a participação durante a pesquisa e a capacidade de imaginação e criação do “caso”.

Anexos

A Onça (Nanci Silva)

Toninho e Dico ainda eram crianças, com 12 e 10 anos, quando sua mãe pediu aos dois que buscassem lenha.

Porém, tinha uns boatos de que havia onça no lugar que eles tinham que ir. Mesmo assim, os dois, sem muita escolha, foram obrigados a obedecer à mãe.

Chegando lá, os dois se animaram e acabaram se afastando um do outro (questão de 2 a 3 metros), quando Toninho pisou em um espinho e soltou um grito:

- Ai! ai!

Dico, já assustado gritou:

- A onça? - E saiu correndo.

Toninho também gritou:

- A onça?!

Os dois saíram desembestados, mato abaixo, passando por cipós, espinhos...

Quando já cansado de tanto correr, Toninho parou e perguntou pro Dico:

- Você viu a onça?

- Não, foi você quem viu.

O caso do Lobisomem (Caipira Timóteo)

Tava tendo lobisomem lá em casa, quando a gente era pequeno, mas ninguém sabia quem era. Meu pai pensou: "Eu vou pegar esse miserável!

Ele colocou um dispositivo no galinheiro e o galinheiro era coberto, não dava pra sair por cima, pois tinha tela. Ele fez um dispositivo, quando o lobisomem entrou ele ficou preso lá dentro. Era o marido da minha Irmã.

Então, meu cunhado, fez de tudo para escapar, sem que alguém soubesse que era ele. "Próxima sexta-feira te pego", falou meu pai.

Meu pai saiu atrás dele, ele espojou no chão e saiu virando lobisomem, e meu pai foi lá e deu nó nas camisas, calças, é um tipo de simpatia para o homem nunca mais voltar, e até hoje ele nunca mais voltou, e nunca mais virou lobisomem.

Tema 4: Traduzi-lo

Objetivos Específicos:

- Desenvolver no aluno o conhecimento de si mesmo e do outro através da descrição subjetiva;
- Identificar características do seu eu- lírico usando o gênero descritivo;
- Descrever o colega de forma poética utilizando a descrição subjetiva com o Gênero Poema.

Material: caderno, folha de papel sulfite, caneta.

Tempo: 4 aulas

Atividades

1ª Aula

Fizemos a leitura do poema de Ferreira Gullar, “Traduzir-se”. Analisamos o poema. Os alunos fizeram uma exposição oral traduzindo a si mesmo, ou seja, o aluno se descreveu subjetivamente.

2ª Aula

Houve a explicação do gênero poema, suas características quanto ao ritmo, sonoridade, rimas e figuras de linguagens, praticamos leituras dos poemas: “Eu em mim”, de Carlos Q. Telles, da sessão: Ler é emoção, do livro didático dos alunos, também, foram analisados os poemas “ Retrato”, de Cecília Meirelles e “Autopsicografia”, de Fernando Pessoa.

3ª Aula

Os alunos fizeram uma produção escrita de um poema com o título: “traduzi-lo”, de maneira que cada estudante escreveu uma carta para seu colega e no conteúdo da carta ele produziu uma paródia do poema “traduzir-se”, e assim, descreveu, de forma subjetiva, seu próprio colega.

4ª Aula

Aconteceu a correção e reescrita das produções. Os colegas trocaram as cartas entre si e alguns fizeram a leitura das cartas recebidas, o que deixou o grupo bastante entusiasmado e descontraído.

Avaliação

A avaliação da turma foi feita a partir da participação da exposição oral e capacidade de criação da paródia ao utilizar elementos que compõem um poema e ao descrever seu colega usando a subjetividade.

Anexo

Traduzir-se

Uma parte de mim é todo mundo:

outra parte é ninguém:

fundo sem fundo.

Uma parte de mim é multidão:
outra parte estranheza
e solidão.
Uma parte de mim
pesa, pondera:
outra parte delira.
Uma parte de mim almoça e janta:
outra parte se espanta.
Uma parte de mim é permanente:
outra parte se sabe de repente.
Uma parte de mim é só vertigem:
outra parte, linguagem.
Traduzir uma parte na outra parte
— que é uma questão
de vida ou morte —
será arte?

Ferreira Gullar

Retrato

Eu não tinha este rosto de hoje,
assim calmo, assim triste, assim magro,
nem estes olhos tão vazios,
nem o lábio amargo.

Eu não tinha estas mãos sem força,
tão paradas e frias e mortas;
eu não tinha este coração
que nem se mostra.

Eu não dei por esta mudança,
tão simples, tão certa, tão fácil:
- Em que espelho ficou perdida
a minha face?

Cecília Meireles

Autopsicografia

O poeta é um fingidor.
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente.
E os que leem o que escreve,
Na dor lida sentem bem,
Não as duas que ele teve,
Mas só a que eles não têm.
E assim nas calhas de roda
Gira, a entreter a razão,
Esse comboio de corda
Que se chama coração.

Fernando Pessoa

Eu em mim

Enfim,
Este é meu corpo,
Flor que amadureceu.

Estalo os dedos,
É sonho.
Respiro fundo,
É brisa.

Estendo os braços,
É asa.
Liberando as fibras,
É voo.

Esperança resolvida
Verso que ficou pronto.
Meu corpo é assim.

Olho seu rosto,
Mistério.
Ouço sua voz,
Estrangeira.
Cheiro seu suor,
Lembranças.
Sinto sua pele...
Sou eu!

Sou eu
Para a dor e o prazer,
Para o sabor e o saber,
Para emoção de viver
Viagem tão companheira...
Sou eu sim,
Sou eu assim,
Sou eu enfim
Com meu corpo
Em mim!

(Carlos Queiroz Telles)

4. ANÁLISE DA RECEPÇÃO DO PROJETO

Ao ser proposta, a sequência didática de atividades foi bem recebida pelos alunos. Com relação ao **Tema 1**: “O livro escolhido”, o primeiro passeio à biblioteca com a intenção de escolher o livro por prazer levou algum tempo, pois alguns alunos ficaram indecisos, todavia, com a ajuda da bibliotecária eles escolheram os livros que mais lhes interessavam à leitura.

Durante as aulas, antes do término da leitura em suas residências, os aprendizes sempre comentavam sobre as histórias lidas, se estavam gostando e a satisfação de seus pais em poder ver seus filhos praticando leitura e, diversificando, assim, os momentos em casa.

Em conversa com os alunos foi ressaltado que o maior valor dessa atividade era criar neles o prazer pela leitura literária. Após as duas semanas de leitura começamos a produção das cartas. No dia marcado fizemos o sorteio dos nomes, os alunos escreveram suas produções, e, após a correção, eles fizeram a reescrita de suas produções carregadas de coerência, subjetividade e criatividade. Levaram as cartas para casa para poder arrumá-las, colocá-las nos envelopes e preencher os endereços residenciais.

Na outra aula, os alunos trouxeram as produções para que pudessem ser postadas pelos correios. Muito interessante lembrar que no momento da postagem o atendente dos Correios informou que havia um projeto do Governo Federal para incentivar a troca de cartas, e, que como era um projeto escolar, seriam registradas como “cartas simples” e que o valor de cada selo era equivalente a R\$0,01 (um centavo). Isso foi bem motivador para a continuidade do projeto.

Vejamos a seguir algumas produções dos discentes que foram definidos, nesta dissertação, pelo número do registro de chamadas, o restante das produções encontra-se nos anexos desta dissertação (página 83):

Rondonópolis, 13 de abril de 2016.

“Olá amiguinha,

Hoje vou escrever o que eu achei e entendi do livro: ‘A lágrima do Robô’. Eu entendi que mesmo sem sentimentos, sendo de lata e ferro, o robô foi capaz de expressar seus sentimentos no fim do livro. Eu achei isso bem legal. Também achei legal o fato de que o pai do menino

que achou Plínio tenha sido desempregado pelo robô, o que poderia criar uma repulsa da parte do menino, mas não criou. Eu gostei muito de como o livro mostra que podemos mudar de opinião conforme conhecemos a respeito.

Entendi que não devemos tratar tudo diretamente com violência, que sempre tem um lado pacífico de lidar com as coisas. Eu entendi mais um milhão de coisas, mas não sei botar em letras porque sou muito lerda. Então vai ser só isso mesmo.

Abraços,
N.10”

“Rondonópolis, 13 de abril de 2016.

Querida amiga, escrevo essa carta para você!

Estou fazendo essa carta para lhe contar como foi minha leitura do livro ‘O segredo das tranças e outras histórias africanas’. Bom, eu li o livro em uma manhã, comecei as 8:00 horas e terminei às 10:00 horas, por aí, o livro é interessante até, mas confesso que em certas partes eu cochilei (risos).

O livro conta sobre vários contos de países que falam a língua portuguesa, e ao final do livro, nas últimas páginas, trata-se de países específicos, essa é a parte que mais me chamou atenção. Eu considero esse livro muito interessante, mas não é o tipo de livro que eu recomendaria, pois não gosto desses gêneros de livros.

O autor do livro se chama Rogério Andrade Barbosa, acho que ele foi feliz em escrever o livro, afinal de contas não é qualquer escritor que escreve sobre a cultura e sobre contos de um continente. A intenção do autor foi oferecer mais conhecimento aos leitores.

Obrigado pela atenção.

Beijos, fica com Deus.

N.11”

“Rondonópolis, 2 de maio de 2016.

Caro amigo,

Venho por meio desta carta lhe falar do livro ‘A ilha do tesouro’, escrito por Robert Louis Stevenson. Demorei um mês para ler o livro. A dica que eu dou para você sobre o livro é que é um livro de aventura, que tem ação e muitos outros. Eu particularmente gostei da história.

Recomendaria a você porque é um livro legal que tem muito a ver com você. A parte que eu mais gostei do livro é quando o mendigo cego morreu que é do capítulo 5.

Espero que tenha gostado.

De sua colega N.12.”

“Rondonópolis, 10 de junho de 2016.

Cara colega,

O livro ‘Alice no país das maravilhas’, do autor Louis Carrol, não é muito bom, pois acho que serve para pessoas mais novas do que eu. Achei infantil e um exagero de imaginação. Demorei uma semana para ler o livro. Mesmo não gostando eu aprendi alguma coisa com ele, que você nunca deve seguir um coelho com relógio, pois haverá confusão.

Eu gostei da parte em que Alice entra na toca e vai para o país das maravilhas, apesar da confusão ela deve ter se divertido. A rainha, sim, é uma personagem que dá medo. Então é isso, penso que você vai gostar, pois as meninas gostam de leitura com muita imaginação. Então eu recomendo essa leitura para você.

Um abraço.

N.13”

“Rondonópolis, 26 de agosto de 2016.

Caro amigo,

Vou contar-lhe sobre a minha leitura do livro ‘Diário de Um Banana’, do autor Jeff Kynne. Eu levei 5 dias para ler o livro, eu gostei da parte onde o irmão dele cola o adesivo no carro. Eu te recomendo esse livro porque é engraçado e divertido. Você pode parar 5 minutos para

ler um livro?

Um abraço de banana,

Seu amigo N.15”

“Rondonópolis, 26 de agosto de 2016,

Caro colega,

Vou contar-lhe sobre minha leitura do livro ‘A volta ao mundo em oitenta dias’, de Júlio Verne.

Eu levei um mês para ler o livro, pois tinha que estudar para prova. A parte que eu mais gostei do livro foi quando ele estava na floresta.

Eu recomendaria este livro, pois é uma história de aventura divertida. Para desenvolver o hábito de ler recomendaria que você largasse o computador e o celular.

Abração,

N.16”

“Rondonópolis, 06 de abril de 2016.

Caro colega,

Sei que tivemos nossas diferenças ao longo dos anos que estudamos, mas hoje vim falar sobre o livro ‘A lágrima do Robô’, do autor Carlos Eduardo Novaes.

Gostei de ler. Foi o melhor por enquanto. Deu trabalho para ler e as ilustrações eram bem escrotinhas. Achei cômico o pai do Plínio se chamar Barata. Acho que você vai gostar desse livro. Recomendo que você leia sempre no período do dia, pois a claridade ajuda a não dar sono.

Bem, então até mais.

N.17”

“Rondonópolis, 02 de maio de 2016.

Caro amigo,

Vim contar sobre o livro ‘volta ao mundo em oitenta dias’, de Júlio Verne. Eu demorei mais ou menos uns treze dias para ler esse livro. Mas isso é porque sou lerdo para ler alguns livros. A parte que eu mais gostei do livro foi quando ele andou de elefante, seria muito legal andar de elefante.

Eu recomendaria esse livro para várias pessoas inclusive você.

Abraço.

N.18”

“Rondonópolis, 9 de setembro 2016.

Amigo,

O livro que li desta vez foi indicado por uma colega. ‘O segredo das tranças e outras histórias africanas’, de Rogério A. Barbosa. Eu indicaria essa leitura para quem gosta de estudar sobre a África.

O que mais me chamou atenção deste livro foi o primeiro conto, pois nos ensina várias lições que levamos para a vida toda.

Acho que o autor foi feliz em escrever esse livro, pois ele proporcionou conhecimento para outras pessoas.

Obrigado pela atenção,

N.19”

É possível observar que os alunos conseguiram utilizar os elementos que compõem uma carta, conseguiram, além disso, construir bons assuntos sobre a leitura, auxiliados pelo questionário citado na sequência didática, souberam trabalhar o contexto de seus livros, mas sem contar a história, deixando, também, um pouco de curiosidade para estimular uma possível leitura de quem recebeu sua carta. Diante do exposto Cosson afirma:

[...] é preciso compartilhar a interpretação e ampliar os sentidos construídos individualmente. A razão disso é que, por meio do compartilhamento de suas interpretações, os leitores ganham consciência de que são membros de uma coletividade e de que essa coletividade fortalece e amplia seus horizontes de leitura. (COSSON, 2012, p. 85).

Uma semana após a postagem, os estudantes começaram a receber as cartas dos colegas em casa, assim, foram descobrindo quem eram os seus “amigos secretos”. Dessa

forma, o letramento literário que havia começado na escola deu continuidade no meio familiar dos estudantes que compartilharam a leitura de suas cartas com seus pais e irmãos.

Ao trabalharmos com o **Tema 2**: “contos fantásticos”, foi apresentado aos estudantes um universo diversificado, de modo que, mesmo sem parecer ter algum sentido, inicialmente, as histórias se encaixavam em nossas reflexões acerca do sujeito e do mundo em que vivemos.

Antes da primeira leitura foi desenvolvida uma atividade em que os alunos fechavam os olhos e na sua imaginação, eles podiam viver situações inimagináveis, tais como: virar uma escada, voar pelas cidades observando a multidão, conversar com animais etc. Isso facilitou a leitura dos contos fantásticos, já que foi um exercício para praticar a criatividade.

Durante a primeira leitura do conto: “O homem que entrou pelo cano”, de Inácio de L. Brandão, alguns riram, outros acharam estranho um homem andar pelas encanações da casa de forma literal. Mas com relação ao texto que foi entregue para ser lido em casa “O homem do furo na mão”, também, de Inácio de L. Brandão, a receptividade foi imediata, pois, no texto, as pessoas olhavam o protagonista de maneira diferente, com isso os alunos puderam associar o personagem principal a qualquer pessoa que a sociedade julga não se encaixar nos padrões e por esse motivo sofre preconceito. As produções de texto foram muito bem desenvolvidas, os alunos utilizaram elementos que compõem o gênero conto e se apropriaram da criatividade existente em cada um para o desenvolvimento de seus textos.

Vejamos as produções dos contos fantásticos em forma de carta para os colegas, o restante das produções encontra-se nos anexos desta dissertação (página 83):

“Rondonópolis, 7 de abril de 2016.

Caro colega,

Venho contar-lhe um conto fantástico. Acredite se quiser.

Uma velha senhora acordou e quando foi escovar os dentes lembrou que não precisava levantar tão cedo, pois seu filho querido já não habitava este mundo. Ficou por um tempo se perguntando para quem iria fazer o café e teve uma ideia. Fez o café para ela mesma e foi procurar um médium para falar com seu filho. Conseguiu fazer contato e descobriu que seu

filho estava feliz no mundo celestial. Ela voltou a sorrir e resolveu adotar uma criança. Quando a menina de 10 anos entrou em sua casa, logo percebeu que era uma criança diferente. A menina tinha asas. Eram brancas e saudáveis. Aos domingos elas iam em um lugar deserto para que a menina pudesse voar e voava e cantava e as duas eram felizes. Até que alguém viu que a menina podia voar. O conselho tutelar tomou a menina da velha senhora, cortou suas asas e devolveu ela para o orfanato achando que a velha não saberia dar limites para a menina.

Espero que tenha gostado.

N.1.”

“Rondonópolis, 7 de abril de 2016.

Amiga,

Vou escrever um conto fantástico para você refletir.

Ana era uma menina diferente, nasceu com um olho nas costas. Sabia tudo que acontecia ao seu redor. Ninguém conseguia dar susto nela. Mas quando virou adolescente isso começou a incomodar. “Quem ia querer namorar com uma moça que tinha olhos nas costas?” Ela pensava. Passou a esconder esse olho fora do lugar. Passou a frequentar festas e começou a namorar. Seu namorado nunca tinha percebido essa diferença em Ana. Um dia, ele pediu Ana em casamento, mas, antes, disse que havia algo a contar, ele contou que tinha uma orelha na perna esquerda, atrás do joelho e que assim conseguia escutar com mais intensidade. Ana, então, criou coragem e contou sobre o olho nas costas. Seu namorado achou o máximo. Eles se casaram e Ana percebeu que o amor venceu o preconceito.

Até mais amiga. N.2”

“Rondonópolis, 09 de junho de 2016.

Caro colega,

Resolvi escrever um conto fantástico para você desenvolver sua imaginação.

Eu estava em uma situação muito chata, sem amor e sem amigos, resolvi passear na praça, de repente fui picado por um inseto, isso doeu, mas passou. Cheguei em casa aquela picada começou a inchar, mas dormi. No outro dia acordei diferente, havia nascido em mim uma asa de libélula. Era linda aquela asa, fui em um prédio antigo e lá de cima pulei e senti a brisa

tocar meu rosto, mas a asa não aguentou meu peso. Eu caí no chão e me ralei todo. As pessoas me olhavam sem entender o que havia acontecido. Só eu sabia o que havia acontecido. E esse era o meu segredo.

Espero que tenha gostado.

N.3”

“Rondonópolis, 09 de junho de 2016.

Amiga,

Venho contar-lhe um conto fantástico que aconteceu comigo.

Eu caminhava na rua e apareceu um unicórnio que correu e entrou em um buraco escuro no fim da rua. Eu corri e entrei nesse buraco, então fui caindo, caindo, caindo e parei em cima de uma pedra. Lá haviam dois caminhos: um escuro e um iluminado, optei pela segunda opção e segui adiante no final do caminho, então o unicórnio apareceu e pediu que eu montasse nele. Sobrevoamos e chegamos em um mundo sobrenatural, achei tudo aquilo muito lindo, era um mundo sem preconceitos, as pessoas aceitavam as diferenças sem insultar ninguém. Resolvi morar lá. Mas lembrei que não poderia ir embora sem avisar meus pais. Voltei para casa e quando olhei para meus pais não tive coragem de ir embora. Fiquei em casa e fui assistir uma novela qualquer.

Abraços! N.4.”

“Rondonópolis, 09 de junho de 2016.

Cara amiga,

Venho contar-lhe a história do homem que acordou e tinha um furo no nariz. As pessoas não gostavam de ficar perto dele. Aquele furo não lhe incomodava, ele até gostava, pois assim conseguia respirar melhor. Os dias foram passando e ele perdeu todos seus amigos, perdeu também seu emprego de vendedor. Resolveu ir embora daquele lugar e foi procurar uma cidade em que ele não seria mais discriminado.

Um abraço,

N.5”

“Rondonópolis, 09 de junho de 2016.

Caro colega,

Voltando do serviço, eu pensava como era ruim para mim não ter algum amigo para conversar. Quando abri a porta meu cachorro correu em minha direção, como de costume eu o abracei. Entrei em casa e ouvi uma voz, quando me virei para ver quem era vi que meu cachorro estava falando comigo. Não acreditava naquilo que eu estava vendo, mas era verdade, Bob estava falando comigo. Me contou que não sabia como fazia aquilo, mas que ele não poderia deixar de dizer o quanto ele gostava da minha amizade. Naquele dia nós conversamos sobre a vida e sobre qualquer outra coisa. Dormimos assistindo televisão.

Acordei, mas Bob já não conversava, apenas balançava o rabo com aquela cara de cachorro faminto. Ele latiu algumas vezes. Eu fui trabalhar como de costume.

Espero que tenha gostado do meu conto fantástico,

N.6”

“Rondonópolis, 09 de junho de 2016.

Caro colega,

Quero contar-lhe um conto sobre João, um menino que em um certo dia acordou e não tinha dentes na boca. Foi à escola, percebeu que as pessoas o olhavam estranhamente. Tentou brigar, mas não quis abrir a boca. Chorou em um canto qualquer da escola. Alguém apareceu e o tirou de lá, deu um copo de suco e disse que o ajudaria. Era a fada do dente que disse que tinha levado embora todos os seus dentes, pois ele não os escovava. João prometeu que iria cuidar da higiene da boca daquele dia em diante e então seus dentes voltaram para sua boca. Um ano depois João já não se lembrava mais da promessa feita para a fada do dente, dormiu sem escovar seus dentes. Acordou no outro dia sem nenhum dente na boca, mas dessa vez a fada não ia voltar.

Abraços,

N.7”

“Rondonópolis, 09 de junho de 2016.

Meu amigo,

Este será um conto fantástico.

Um dia, Maria resolveu que queria ser modelo, passou a rejeitar comida, só comia alface e bebia água, mas para sua mãe não desconfiar que ela não comia passou a dar tudo que tinha no prato para sua irmã Ana. E foi assim por muitos meses. Ana passou a engordar muito.

Um dia, estava chovendo e ventando muito forte, Ana começou a chorar, pois estava com dor de barriga. Desesperada por ajuda, Maria foi para a rua ver se avistava sua mãe voltar do serviço. Bateu um vento muito forte que levou Maria embora como uma leve pena de pássaro. Ela jamais voltou para casa.

Um forte aperto de mão,

N.8”

É interessante ressaltar que a partir desse gênero eles puderam se apropriar da imaginação que a produção do conto fantástico possibilitou para que pudéssemos debater sobre temas relacionados ao preconceito e aos padrões impostos pela sociedade, com isso, o letramento literário trouxe para a sala de aula os temas transversais, assim, propostos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais da Pluralidade Cultural:

Este tema propõe uma concepção que busca explicitar a diversidade étnica e cultural que compõe a sociedade brasileira, compreender suas relações, marcadas por desigualdades socioeconômicas e apontar transformações necessárias, oferecendo elementos para a compreensão de que valorizar as diferenças étnicas e culturais não significa aderir aos valores do outro, mas respeitá-los como expressão da diversidade, respeito que é, em si, devido a todo ser humano, por sua dignidade intrínseca, sem qualquer discriminação. A afirmação da diversidade é traço fundamental na construção de uma identidade nacional que se põe e repõe permanentemente, tendo a Ética como elemento definidor das relações sociais e interpessoais. (PCNs, 1998, p. 12)

O que contribuiu para a formação do estudante em relação à diversidade existente em nossa sociedade.

O **Tema 3** “Conte um causo” foi trabalhado de maneira muito dinâmica, o humor fez a diferença. A aceitação em reproduzir o que os mais velhos contam ou contavam trouxe o prestígio não apenas desse gênero, mas mostrou a valorização da cultura popular na vida dos estudantes.

Durante a leitura foi percebida a empolgação de cada um em contar os “Causos” da região em que vivem ou dos locais que viveram. O resultado dos textos revelou o quanto a cultura da região é rica em vocabulários e histórias. Vejamos as produções dos alunos, o restante das produções encontra-se nos anexos desta dissertação (página 83):

“Rondonópolis, 17 de agosto de 2016.

Querida amiga,

Tudo bem? Escrevo para te contar um causo que a minha avó, Dona Maria, me contava.

A Mão Negra era uma velha senhora negra que vivia na região do rio Cuiabá e que gostava de roubar peixes dos pescadores e um dia tentando roubar mais peixes ela morreu afogada. Dizem que ela virou a Mão Negra e era uma grande mão que matava os pescadores na beira do rio Cuiabá. Um dia, um pescador que não acreditava na Mão Negra foi pescar, quando seu jacá estava cheio, era meio-dia, ele foi almoçar. Quando voltou seu jacá estava vazio. E ele viu a Mão Negra indo em sua direção. Saiu correndo até a cidade e atordoado contou a todos o que tinha acontecido com ele que nunca mais duvidou das histórias daquela região.

Um abraço e cuidado com a Mão Negra.

N.1”

“Rondonópolis, 17 de agosto de 2016.

Caro amigo,

Venho ti contá o causo do Minhocão do Pari. É um minhocão que vive no Rio Cuiabá. Parece uma anaconda gigante. Quando os pescadores tão no rio com suas canoas, ele vira as canoas e mata os pescadores estrangulados, assim como a cobra sucuri faz. Meu pai sempre me contou essa história, porque um dia ele viu o Minhocão de perto.

Um abraço.

N.2”

“Rondonópolis, 17 de agosto de 2016.

Oi meu chapa,

Vim falar da Mula-sem-cabeça, uma das histórias mais antigas da região e também uma das que eu mais gosto. A história é que ela era uma mulher casada com um padre e que toda sexta-feira 13 ela vira uma mula-sem-cabeça que solta fogo pelo pescoço. À noite ela persegue tudo que vê pela frente.

Falou!

N.3”

“Rondonópolis, 17 de agosto de 2016.

Caro colega,

Venho falar sobre um causo que meu avô sempre conta lá em casa. A Sucuri Gigante do Rio Vermelho. Dizem que essa sucuri mora no rio Vermelho e que ataca os pescadores e leva eles para o fundo do rio. Cuidado quando for tomar banho de rio.

Um abraço!

N.4”

“Rondonópolis, 17 de agosto de 2016.

Meu amigo,

Vou contar a você a história do Pé-de-garrafa. Ele é um homem verde que no lugar de seus pés tem garrafas. Ele é um protetor das matas aqui da região de Rondonópolis e protetor do Rio Vermelho. O Pé-de-garrafa mata quem coloca fogo na floresta e quem joga lixo no rio. Um dia, meu avô contou que viu o pé-de-garrafa quando ele colocou fogo no canavial de cana, ele saiu correndo de medo e quando voltou o fogo tinha apagado e não tinha queimado nada. E aí que ele decidiu não botar fogo no canavial nunca mais.

Um abraço,

N.5”

“Rondonópolis, 17 de agosto de 2016.

Minha amiga,

Vou te contar sobre uma lenda que contam lá em casa. A história da Noiva de Branco. Dizem que ela era uma mulher que foi abandonada no altar da igreja e por ficar muito triste teve depressão e se matou. Agora toda sexta-feira 13 ela aparece com vestido de noiva para assustar as pessoas na rua. Ai que medo!

Abraços,

N.6”

O trabalho com o gênero causo, cheio de heterogeneidade, contempla a diversidade que caracteriza práticas sociais de leitura e produção dos alunos. Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa mostram que:

Vale considerar que a inclusão da heterogeneidade textual não pode ficar refém de uma prática estrangulada na homogeneidade de tratamento didático, que submete a um mesmo roteiro cristalizado de abordagem uma notícia, um artigo de divulgação científica e um poema. A diversidade não deve contemplar apenas a seleção dos textos; deve contemplar, também, a diversidade que acompanha a recepção a que os diversos textos são submetidos nas práticas sociais de leitura. (PCNs de Língua Portuguesa; 1998, p. 26)

O Tema 4: “Traduzi-lo” constitui uma forma própria de estilo, pois o trabalho com o gênero lírico é a conciliação entre o sujeito e o mundo em que vive, de forma que a expressão da subjetividade re/cria e re/constrói o conhecimento.

No primeiro momento em que foi apresentada a proposta desse tema a rejeição por grande parte dos alunos foi imediata. “Eu não sei fazer poema” ou “eu não gosto desse gênero” foram algumas das falas iniciais. Após a leitura do poema “Traduzir-se”, de Ferreira Gullar, fizemos a análise do texto e selecionamos alguns alunos para que pudessem descrever a si mesmos. A participação foi expressiva, no sentido de sempre haver intromissões dos colegas durante os dizeres de cada um, ou seja, descrever a si mesmo era mais difícil que citar características de seus colegas. Ao percebermos essa dificuldade dos estudantes, apresentamos outros poemas que poderiam trazer essa reflexão de se ver com seus próprios olhos, tais como: “Retrato”, de Cecília Meireles, “Autopsicografia”, de Fernando Pessoa e o poema do livro didático do 9º ano: “Eu em mim”, de Carlos Queiroz Telles.

Após o sorteio dos nomes, os alunos fizeram a atividade proposta: escrever cartas aos colegas parodiando o poema “Traduzi-lo”, de Ferreira Gullar, lido inicialmente. Vejamos os textos produzidos, o restante das produções encontra-se nos anexos desta dissertação (página 83):

“Rondonópolis, 08 de junho de 2016.

Minha querida amiga,
Uma parte dela é sorriso radiante
Outra parte é saudade sem fim
Uma parte dela leve como o vento
Outra parte perturbada, causada pelo mundo.

Assim, uma parte doce
Outra parte salgada
Mas a todo tempo aquela parte sorridente prevalece
Uma parte grita de saudades pelo amor de outro lugar.

A parte, então, que mais gosto é a de carinho
E a parte que me assusta é um olhar triste
E um sorriso forçado.
Mas, sosseguei, porque a parte de carinho me alivia.
Querida amiga, espero que tenha entendido e gostado!

Beijos da N.1.
Te amo!”

“Rondonópolis, 08 de junho de 2016.

Amigo,
Escrevo para dizer o quanto você é legal. E por isso fiz uma paródia do poema “traduzir-se” de Ferreira Gullar para traduzi-lo.

Uma parte dele

É estranha
Outra parte é legal
Isso é estranho.

Uma parte dele
Fala português
A outra fala inglês
É bilíngue.

Uma parte dele
É espantosa
A outra extraordinária
Isso o faz inteligente.
Abraços.
N.2”

“Rondonópolis, 08 de junho de 2016.

Caro amigo,

Escrevo para dizer o quanto você é legal e por isso fiz uma paródia do poema “Traduzir-se” de Ferreira Gullar para “Traduzi-lo”.

Uma parte dele
É risonho
Outra parte
Ri mais

Uma parte dele
É esportivo
Outra parte
Foi pro hospital

Uma parte dele
É muito concentrada
Já outra
Com qualquer coisa se distrai.
N.3”

“Rondonópolis, 08 de junho de 2016.

Querida,
Escrevo este texto para dizer o quanto você é especial e por isso fiz esse poema para traduzi-la com meus olhos.

Uma parte dela é alto astral
A outra é fenomenal.

Uma é beleza e
A outra parte lerdeza.

Uma parte é esfomeada e
A outra parte desajeitada
Poucas vezes chata,
Muitas vezes legal.

Escrevo este poema para demonstrar
O quanto você é especial
E para falar do amor
Que sinto por você.
N.4”

Rondonópolis, 08 de junho de 2016.

Querida amiga,

Escrevo para dizer o quanto você é especial e por isso a paródia do poema ‘traduzir-se’, de Ferreira Gullar para traduzi-la.

Uma parte dela é sinceridade
Outra parte é pessimista
Uma parte dela é bondade
Outra parte é realista.

Uma parte dela é mistério
Outra parte é solução
Uma parte dela é amizade
Outra parte é bom coração.
Atenciosamente,
N.5”

“Rondonópolis, 08 de junho de 2016.

Meu amigo,
Escrevo para dizer o quanto você é meu amigo e por isso fiz uma paródia do poema ‘traduzir-se’, de Ferreira Gullar para traduzi-lo.

Uma parte dele é silêncio
Outra parte é barulhento
Um silêncio irritante.

Uma parte dele é piadista
Outra parte é chato
Piadas sem sentido.

Uma parte dele é parceiro
Outra parte é inimigo
Nos jogos eu humilho.

Uma parte dele é inteligente
Outra parte é burrinho
Demora para entender.

É nós! Abraços,
N.6”

Percebemos, nessa atividade, muito mais que a utilização dos recursos linguísticos que podem formar os poemas, mas houve a percepção dos diálogos entre os textos, seus discursos e práticas sociais. O trabalho com a descrição subjetiva trouxe para cada um dos estudantes uma visão peculiar de si mesmo e do outro.

Após o término dos textos e depois de trocarem suas produções, alguns alunos fizeram leitura para toda a classe das cartas que haviam recebido dos colegas, e, enquanto iam acontecia uma grande interação ora concordando, ora não, com as descrições feitas pelos amigos da sala de aula. Sobre isso, Gerbara (2011), em seu texto: “Reflexões sobre o ensino de poesia” mostra que a leitura da poesia na escola se dá por meio do estímulo do professor com seus alunos para que possamos refletir sobre nossas vidas. Vejamos:

Dessa forma, ensinar poesia (em todos os seus subgêneros) é trabalhar o texto como resposta a uma necessidade, a alguém (o leitor), a um tempo definido. A poesia dentro dessa concepção é um modo de viver o mundo (ver, sentir, experimentar e projetar) e cada composição poética reflete quem somos, o que pensamos, sentimos e buscamos. (GERBARA, 2011, p. 1)

Ao final desta sequência de atividades, propusemos aos alunos uma escrita subjetiva para responder o seguinte questionamento: **“O que o Projeto Cartas entre Colegas acrescentou para o seu desenvolvimento enquanto leitor literário e produtor de suas expressões?”**

Sobre esse processo o item “A Avaliação na Prática Educativa”, dos PCNs de Língua Portuguesa, destaca:

A avaliação precisa acontecer num contexto em que seja possibilitada ao aluno a reflexão tanto sobre os conhecimentos construídos, o que sabe, quanto sobre os processos pelos quais isso ocorreu, como conseguiu aprender. Ao identificar o que sabe, o aluno tem a possibilidade de delimitar o que precisa, ainda, aprender. Ao reconhecer como conseguiu aprender, o aluno tem a possibilidade de descobrir que podem existir outros modos de

aprender, conhecer e de fazer. A apropriação de novos conceitos e procedimentos permite que o aluno possa realizar as atividades propostas com maior eficiência e autonomia. Nesse sentido, a avaliação precisa ser compreendida como reflexiva e autonomizadora. Ao se avaliar, devem-se buscar informações não apenas referentes ao tipo de conhecimento que o aluno construiu, mas também e, sobretudo, responder a questões sobre por que os alunos aprenderam o que aprenderam naquela situação de aprendizagem, como aprenderam, o que mais aprenderam e o que deixaram de aprender. Para isso, o professor precisa construir formas de registro qualitativamente diferentes das que têm sido utilizadas tradicionalmente pela escola, para obter informações relevantes para a organização da ação pedagógica. (PCNs de Língua Portuguesa; 1998, p. 93)

Vejamos as respostas dos estudantes:

Aluno 1: “O projeto me incentivou a ir pegar livros na biblioteca e gostar de ler literatura.”

Aluno 2: “O projeto deu a oportunidade de socializar com meus amigos através da escrita de cartas”.

Aluno 3: “Eu aprendi que a leitura me ajuda ser um bom escritor, pois quando eu leio eu aprendo a escrever melhor e até me expressar melhor”.

Aluno 4: “Eu aprendi muitas coisas, por exemplo, escrever cartas. Ler os livros foi divertido.”

Aluno 5: “Aprendi que ler é legal demais.”

Aluno 6: “Aprendi muitas coisas e aprendi levar a leitura para meus irmãos.”

Aluno 7: “Aprendi que se você ler você vai ser alguém que entende o mundo.”

Aluno 8: “Aprendi que ler é muito legal.”

Aluno 9: “Aprendi muitas coisas, até mesmo expressar minha opinião.”

Aluno 10: “Aprendi muita coisa e até gostar de ler livros de literatura.”

Aluno 11: “Aprendi que escrever cartas é legal!”

Aluno 12: “Aprendi que a leitura abre a cabeça para entendermos mais as coisas do mundo.”

Aluno 13: “Eu virei um leitor mais interessado.”

Aluno 14: “Agora eu já sei que ir à biblioteca e viajar para qualquer lugar que eu quiser.”

Aluno 15: “Eu aprendi que ler é bom para desenvolver a sabedoria.”

Aluno 16: “Eu aprendi que a leitura de livros de literatura me fazem pensar em coisas que eu nunca pensava”.

Aluno 17: “Eu aprendi que escrever cartas é muito legal e ajuda na minha criatividade.”

Aluno 18: “O projeto me ajudou em muitas coisas, inclusive em gostar de ler.”

Aluno 19: “Eu aprendi que para ser um escritor é preciso treinar com leitura.”

Aluno 20: “O projeto foi divertido e gostei de escrever o poema para minha colega.”

Aluno 21: “O projeto contribuiu para eu gostar de ir na biblioteca e para escrever melhor.”

Com as respostas dos discentes, fica evidente o benefício do projeto para o ensino desses aprendizes, percebemos que o que faltava na escola era a preocupação com atividades voltadas à leitura o que, relativamente, influenciou a busca por livros de literatura. E, a oportunidade de escrever por meio das cartas incentivou os estudantes à prática social da escrita, resgatando o Gênero Carta Pessoal por meio da expressividade que os livros literários, os contos fantásticos, os causos contados de geração em geração e os poemas puderam proporcionar a cada um durante a interação social.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A mediação entre professor e aluno, em toda a realização das atividades, foi fundamental durante o projeto. Muitas pistas sobre o envolvimento dos estudantes com a leitura apareceram no decorrer dela. É importante estarmos atentos ao que os jovens escrevem e falam, assim o professor/mediador pode exercer seu papel pedagógico com paciência e com o compromisso da busca pela motivação que vai contribuir para a proficiência e para a construção de sentidos dos alunos.

Foi nesse contexto que a literatura assumiu um importante papel na sala de aula e na vida dos jovens: a formação de pessoas aptas a transformar a realidade em que vivem. Como nos afirma Paulo Freire (2006, p. 100) em sua obra intitulada “*Pedagogia da Esperança*” que ao re/pensarmos como sujeitos capazes de mudar nossas ações para transformar nossas vidas refletimos que “não sou se você não é, não sou, sobretudo, se proíbo você de ser”. Assim, o saber não pode e não deve ser “despejado”, mas compartilhado e discutido entre seus sujeitos.

O trabalho com a leitura literária se diferencia pelo envolvimento especial que esse tipo de leitura promove por meio das palavras, uma vez que a literatura nos proporciona um horizonte infinito de possibilidades a partir da interpretação do aluno/leitor.

O resultado nos mostrou que o estudante, como leitor literário, é um agente que cria sua interpretação de acordo com o momento em que vive podendo dar várias possibilidades de sentido ao que lê. E, como produtor de seus textos, ativado pelas possibilidades de leituras, cria seus contextos de acordo com o momento político, social ou cultural em que vive. Características abordadas por Jauss que considerou ser fundamental o efeito que a obra proporciona na re/leitura do sujeito, de maneira que “[a] obra literária não é um objeto existente em si mesma e que apresenta em todo tempo e a todo observador a mesma aparência” (Jauss, 1978, p. 47).

Sobretudo, cabe à escola repensar nos métodos de ensino que envolvam o universo literário, numa compreensão de que a literatura possa se fazer presente como uma experiência educativa e artística no cotidiano desses jovens. Se não acontecer pelo gosto, prazer e gratuidade que esses textos possibilitam a quem os lê, que seja pela necessidade de conhecer a herança sociocultural e política deixada pelos autores da literatura.

Esta foi uma experiência um tanto motivadora, o que contribuiu, positivamente, no processo de formação humanizadora dos alunos. Foi possível identificar que os estudantes re/aprenderam a ler e produzir textos por meio de um universo chamado literário.

Portanto, identificamos que o maior objetivo da literatura na escola é utilizar o que se aprendeu em seu contexto social. É, ainda, formar leitores literários que terão o poder de compreender o texto como ferramenta para o meio em que vivem em busca dos discernimentos das ações que promovem em suas vidas.

Considerando os resultados atingidos, após a aplicação da sequência didática, entendemos que a força da literatura em sala de aula necessita do apoio e união entre os membros da instituição escolar, sem isso não há resultado satisfatório. Assim, consideramos necessária a reflexão sobre o ensino de literatura na escola como atividade social, revendo o fortalecimento dos sujeitos por meio dos gêneros literários nas práticas de letramentos.

Ainda que a avaliação do aprendizado não tenha sido por meio de notas, contemplamos a ocorrência de muitos aspectos positivos, pois os alunos trocaram conhecimentos de fato sobre suas leituras, interagiram com as histórias comparando-as com seu modo de vida, puderam falar se gostaram ou não de determinados livros, utilizaram a subjetividade para compor ideais e souberam trabalhar em conjunto.

Atingidos os propósitos desta dissertação é preciso dar continuidade aos projetos de letramento com a leitura literária no ensino médio, pois o letramento é um processo de práticas sociais que sempre acompanhará o sujeito em seu meio social.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Vera Teixeira de; BORDINI, Maria da Glória. **Literatura e formação do leitor: alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

AGUIAR, V. T. **O leitor competente à luz da teoria da literatura**. Revista Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, v. 124, n. 5/6, p. 23-34, jan./mar. 1996.

AGUIAR, Vera Teixeira de. “A formação do leitor”. In: ____ **Prograd. Caderno de formação: formação de professores didática geral**. Universidade Estadual Paulista. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011, p. 104-116, v. 11.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BARTHES, R. “A morte do autor”. In: _____. **O rumor da língua**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BRAGATTO FILHO, Paulo. **Pela leitura literária na escola de 1º grau**. São Paulo: Ática, 1999.

BRANDÃO, Helena H. N. **Analisando o discurso**. 2005. Disponível no site: Museu da Língua Portuguesa. <http://www.museudalinguaportuguesa.org.br/?p=40>. Acesso em: 10/06/2016.

BRANDÃO, Ignácio de Loyola. **Cadeiras Proibidas**. São Paulo: Global, 1988. p. 89

BRANDÃO, Ignácio de Loyola. **O homem do furo na mão e outras histórias**. Editora Ática, 1998.

BRONCKART, Jean-Paul. **Atividades de linguagem, textos e discursos – por um interacionismo sócio-discursivo**. Tradução Anna Rachel Machado e Péricles Cunha. Paulo: EDUC, 1999.

CANDIDO, Antonio. "O direito à literatura". In: _____. **Vários escritos**. São Paulo: Rio de Janeiro: Duas Cidades: Ouro Sobre Azul, 2004.

CONCEIÇÃO, R. I. S. "Correção de texto: um desafio para o professor de português". In: _____. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 2, n. 43, p.323-344, 2008.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2012.
_____. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2014.

DOLZ, Joaquim & SCHNEUWLY, Bernard, NOVERRAZ, Michèle. "Gêneros e progressão em expressão oral e escrita – seqüências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento". In: _____. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de letras, 2004. São Paulo: Mercado de letras, 2006.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados, 1989.

GADOTTI, Moacir. **Convite à leitura de Paulo Freire**. 2ª ed.; São Paulo: Scipione, 1991
_____. **Pedagogia do Oprimido**. 24ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
_____. **Pedagogia da esperança**. 13ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

GEBARA, Ana Elvira. **Reflexões sobre o ensino de poesia**. 2011. Disponível em: <http://portuguesdeosasco.blogspot.com.br/2011/05/reflexoes-sobre-o-ensino-de-poesia.html>
Acesso em: 14 de agosto 2016.

GERALDI, J. W. (Org.). **O texto na sala de aula**. Cascavel, PR: Assoeste, 1985.

INGARDEN, Roman. **A obra de arte literária**. 3ª ed. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1965.

JAUSS, Hans Robert. **Pour une esthétique de la réception**. Tradução Claude Maillard. Paris: Gallimard, 1978.

JAUSS, H. R. “A estética da recepção: colocações gerais”. In: _____. **A literatura e o leitor, textos da estética da recepção**. COSTA, L. (org.) Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p. 43-61.

JAUSS, H. R. **A História da Literatura como provocação à Teoria Literária**. São Paulo: Ática, 1994.

KLEIMAN, Ângela. **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura**. 9. ed. Campinas: Pontes, 2004.

KLEIMAN, Ângela. **Os significados do letramento. Uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

LEITE, S. A. S. (org.), **Alfabetização e letramento: contribuições para as práticas pedagógicas**. Campinas: Komedi/Arte Escrita, 2001.

Linguagens, Códigos e suas Tecnologias / Secretaria de Educação Básica. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006. 239 p. (**Orientações curriculares para o ensino médio**; volume 1)

LOIS, Lena. **Teoria e prática da formação do leitor: leitura e literatura na sala de aula**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

MENEGASSI, J.R; OHUSCHI, M.C.G. “O aprender a ensinar a escrita no curso de letras”. In: **Atos de pesquisa em educação**. v. 2, nº 2, p. 230-256, maio/ago. 2007.

_____. Interação, escrita e metacoscência na formação inicial de professores. Revista Signum: Estudos da Linguagem. Vol. 9. N. 2 pg. 159-168. Londrina, PR, 2006 ISSN 1516-3083.

NUNES, B. **Ética e leitura. Leitura: Teoria e Prática**, n. 27, jun. 1996, Campinas: ALB.

OLIVEIRA, Vanderléia da Silva. “Entrevista com Rildo Cosson”. **Revista Claraboia**; Curso de Letras da UENP. Jacarezinho-PR, n. 1/1, p. 121-124, jan./jun. 2014.

Parâmetros Curriculares Nacionais: **Introdução aos PCNs/** Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998.

Parâmetros Curriculares Nacionais: **terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/** Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

PAULINO, Graça; COSSON, Rildo. “Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola”. In: ZILBERMAN, Regina; RÖSING, Tânia (Org.). **Escola e leitura: velha crise; novas alternativas.** São Paulo: Global, 2009.

RANGEL, E. O. “Letramento literário e livro didático de Língua Portuguesa: Os amores difíceis”. In: PAIVA, A.; MARTINS, A.; PAULINO, G.; VERSIANI, Z. (Org.) **Literatura e letramento. Espaços, suportes e interfaces. O jogo do livro.** Belo Horizonte: Autêntica/CEALE/FAE/UFMG, 2003.

SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros.** Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SOARES, Magda B. *O que é Letramento.* DIÁRIO DO GRANDE ABC. Entrevistada por Diário na Escola. 29/09/2013. <http://www.verzeri.org.br/artigos/003.pdf>. Acesso em: 20 de junho de 2016.

SOARES, Magda. **Letramento um tema em três gêneros.** Editora Autêntica, 2005.

STIERLE, Karlheinz. “Que significa a recepção dos textos ficcionais?” In: JAUSS, H. R. (Org.). **A literatura e o leitor: textos de Estética da Recepção.** Trad. Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p. 133-181.

TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e alfabetização.** 8.ed. Editora Cortez, 2006.

ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o ensino da literatura.** São Paulo: Contexto, 1991.

ANEXOS

O HOMEM DO FURO NA MÃO (Inácio de Loyola Brandão)

Há doze anos tomavam café juntos e ela o acompanhava até a porta. “Você está com um fio de cabelo branco. Ou tinge ou tira.” Ele sorriu, apanhou a maleta e saiu para tomar o ônibus. Faltavam doze para as oito, em três minutos estaria no ponto. O barbeiro estava abrindo, a vizinha lavava a calçada, o médico tirava o carro da garagem, o caminhão descarregava cervejas e refrigerantes no bar. Estava no horário, podia caminhar tranquilo. Coçou a mão, descobriu uma leve mancha avermelhada de uns dois centímetros de diâmetro. Quando o ônibus chegou, a mão coçou de novo. Agora ardia um pouco a ele teve a impressão de que no lugar da mancha havia uma leve depressão. Como se tivesse apertado uma bolinha muito tempo, com a mão fechada.

Não tinha lugar sentado, cruzou a borboleta, foi até a frente, cumprimentando pessoas que não sabia o nome, mas que tomavam o elétrico na mesma hora que ele. Segurava a maleta com a mão direita, com a esquerda apoiava-se no varão do teto. Três pontos antes do final, o ônibus superlotado, ele sentiu uma comichão violenta. Não podia olhar, nem levantar a mão. Estava chegando, dava para esperar. Foi empurrado para a saída, despediu-se das pessoas, olhou a mão. No lugar da mancha tinha um buraco. De uns dois centímetros de diâmetro. Um orifício perfeito. Perfeito, como se tivesse sempre estado ali. Nascido. Passou os dedos pelas bordas, por dentro, sentindo cócegas. Assoprou por dentro. Olhou através dele, acompanhando uma aleijada que caminhava na outra calçada. Afastava a mão dos olhos, focalizava um objeto, aproximava a mão.

Ficou algum tempo distraído com isso. Quando chegou no escritório, o chefe perguntou o porquê do atraso.

- Foi por causa do furo na mão.

- Ah, é? Pois vai ter um furo de meio dia no salário deste mês. Está bem?

Não fazia mal, há quinze anos ele não tinha uma falta, um minuto descontado. Foi para a mesa, um pouco perturbado com o furo. Não triste, mas querendo saber o que podia fazer com aquilo. Passou o dia disfarçando a mão entre os papéis. Não queria que os colegas vissem. Eles não tinham furo na mão. De vez em quando soprava através do buraco, fazia barulhos estranhos com a boca. Na hora do lanche, focalizou um colega, colocando a mão

sobre o olho. Na hora de bater ponto de saída, enfiou a alavanca no buraco a empurrou. Contente, sentia-se mais que os outros. A sensação começara no meio da manhã, depois que a primeira depressão desaparecera. Tinha pensado em ir ao médico, explicar o caso. Desistiu.

A mulher esperava na porta, tomando a fresca da tarde. Entraram, ele tomou banho, descansou dez minutos, como todos os dias. Foram até a sala, ele desligou a TV, a mulher ficou olhando algum tempo para a tela cinza, como se esperasse ainda ver a novela interrompida. Então, ele mostrou a mão e a mulher começou a chorar. Ela chorou e soluçou por dez minutos. Depois perguntou:

- Dói muito?

- Não dói nada.

- Foi um acidente?

- Não, apareceu no ônibus.

- Como apareceu?

- Apareceu. Não sei como.

- E se a gente reclamar da companhia de ônibus?

- Ela não tem nada com isso.

A mulher foi ao banheiro, trouxe o estojo de emergência, apanhou gaze, esparadrapo, mercúrio cromo. Ele não deixou fazer a atadura.

- Não precisa, está cicatrizado, olhe aí.

- Não vai me andar com esse buraco por aí. O que as vizinhas vão dizer? Que não cuidou de você?

- Mas eu quero que vejam. Só eu tenho esse buraco.

- É tão feio.

À noite, ele se levantou para observar o furo na mão. Deixou embaixo da torneira, com água correndo pelo meio. No dia seguinte, a mulher tentou de novo enfaixar a mão, ele não deixou. Estava orgulhoso do furo. Foi trabalhar e no fim da tarde estava um pouco decepcionado. Ninguém no escritório tinha ligado para a mão dele. Fizera de tudo em frente aos colegas. Assoara o nariz, passara o dia com a mão na testa. Ao voltar para casa, não encontrou a mulher na porta. Na mesa havia um bilhete. “Não posso viver com você enquanto esse buraco existir.”

A casa vazia, ele abriu a geladeira e só encontrou manteiga, comeu com pão. Foi comprar revistas, jornais, ficou lendo, com o rádio ligado. Não ouvia o rádio, só gostava do

barulho. Todas as manhãs, quando acordava, deixava o rádio aberto, ouvindo ruídos, sem estar em estação alguma. Depois, viu televisão até cair de cansaço. Dormiu na poltrona.

Do escritório telefonou para o emprego do sogro. A mulher não tinha aparecido na casa dos pais. Na hora do almoço saiu de táxi, rodando pela casa de amigos e amigas. E parentes. Nada. À noite, foi à igreja. Ela costumava ir. Passou na polícia e deu queixa. Comeu sanduíche num bar, ficou vendo televisão até cair de cansaço. Foi acordado pela empregada que vinha às quintas-feiras.

- O senhor está com um buraco na mão, vou colocar bandaíde.
- Não precisa, não. Pode deixar.
- Como pode? O senhor não vai sair assim.
- Vou, não quero bandaíde.

Cinco minutos depois a empregada saiu, com a bolsa, dizendo até logo, não volto mais. Ele dormiu mais um pouco. Acordou com o silêncio da casa, os cômodos na penumbra, tudo desarrumado. Gostou da desarrumação. Fez café, jogou pó no chão, molhou tudo que pôde, derrubou o lixo. Tomou banho, jogou as toalhas, molhou o chão, largou o sabonete dentro da privada. Saiu. Pela segunda vez em doze anos saía sozinho sem ninguém para acompanhá-lo até a porta, sem a sensação de estar vigiado, de ter que ir e voltar ao mesmo lugar, ter que justificar as coisas, o dia, os movimentos.

Chegou atrasado ao ponto. Quando subiu no ônibus, não conhecia ninguém. O cobrador se levantou.

- O senhor pode tomar outro carro, por favor?
- Outro carro, por quê?
- Ordem da companhia, não sei de nada.
- Que coisa ridícula. Ordem da companhia. Não vou tomar outro. Vou nesse mesmo.
- Por favor, não me arrume complicação. Desça. Os passageiros estão esperando.

Todo o ônibus olhava para ele. Sentou-se, segurando firme a maleta. Os outros passageiros começaram a descer. O cobrador foi buscar um PM. O motorista chegou até ele, olhando o furo na mão, bem visível, por cima da maleta.

- Por que o senhor não vai por bem?
- Pago minha passagem, tenho direito de andar no carro que quiser.
- Não tem nada. O senhor é que pensa.

O PM entrou, apanhou o homem com furo na mão pela gola, jogou-o fora, na calçada. A maleta abriu, os papéis espalharam. Ajoelhado, ele começou a catá-los. O povo olhando. O PM disse:

- Quando mandarem o senhor tomar outro carro, o senhor toma.

Ele pensou: “estão todos combinados, não é possível, é uma brincadeira da turma, comigo”. Depois, ele se lembrou que não tinha turma, vivia só, ele e a mulher, às vezes ela até reclamava. Os passageiros voltaram ao ônibus. Ele se levantou, ficou encostado no ponto. Minutos depois chegou outro ônibus. Só abriu a porta da frente, alguns passageiros desceram. Bateu na porta de entrada, chutou, o cobrador colocou a cabeça para fora.

- Ei, companheiro, o que é isso? Espere chegar o outro carro.

Decidiu ir a pé. Tinha anotado os números dos ônibus, iria à companhia fazer uma reclamação. O pior é que chegaria atrasado. Quando entrou no escritório, passou rápido pelo chefe, mas este não se incomodou. Foi direto para a mesa. Havia um paletó na cadeira. Ele colocou a maleta na mesa, sentou-se. Abriu a gaveta, não a encontrou arrumada, como deixava todos os dias, no fim da tarde, os lápis selecionados por cores, os clips, borracha, papéis ordenados. Estava tudo remexido. Ouviu um “com licença”, levantou os olhos, encontrou um homem de uns trinta anos, gordo.

- O que é?

- Desculpe, esta mesa é minha.

- Sua? Desde quando?

- Me deram hoje de manhã. Era sua?

- É minha. Onde estão as minhas coisas?

- Num pacote com o chefe.

Foi até o chefe.

- O que está acontecendo?

- Nada. Por quê?

- Tem outro na minha mesa.

- A mesa é da companhia. Não é sua.

- Bom, eu ocupava aquela mesa da companhia. E agora?

- Não ocupa mais. Você não trabalha aqui.

- Por quê?

- Foi sua mão. Esse buraco é inconveniente.

A mulher tinha razão, seria preciso colocar um bandaid para esconder o furo. Mas se escondesse, ficaria sem ele. E gostava daquele buraco perfeito, um círculo exato. Talvez até inventasse um jogo qualquer, com bolas de gude atravessando a palma da mão. Era uma boa ideia, podia se apresentar na televisão.

- E o meu dinheiro? A indenização?
- Indenização? Você foi demitido por justa causa.
- Justa causa?
- É proibido ter buraco na mão. Você não sabia?
- Nunca existiu isso nos regulamentos.
- Existe. Está no Decreto Inexistente.
- Quero ver.
- É inexistente. O senhor não pode ver. Passar bem.

Pensou em procurar um advogado, correr à justiça trabalhista. Não podiam fazer aquilo, daquele jeito. Amanhã ou depois cuidaria disso. Tinha tempo. Resolveu ir ao cinema. Fazia vinte e dois anos que não ia ao cinema num dia de semana, à tarde. Comprou o bilhete no primeiro que encontrou. Nem olhou que filme era, nem os cartazes. Quando entregou ao porteiro, este perguntou:

- O senhor tem certeza de que é este o filme que quer ver?

Como ele não tinha, ficou indeciso, surpreso. O porteiro aproveitou.

- Está vendo? O senhor se enganou de filme. Se quiser, a bilheteira devolve o dinheiro. Ele se recuperou, protestou. Era esse filme mesmo, que negócio é esse, também aqui essa brincadeira?

- Por favor, meu senhor, vá a outro cinema. Senão, perco o emprego.
- E se quero ir neste?
- Melhor não entrar. Ou sou obrigado a chamar o gerente.
- Pode chamar.

O gerente veio, acompanhado de um PM de cara amarrada.

- Por que não posso entrar no cinema?
- O senhor pode, cavalheiro. Qual é o problema?
- O porteiro disse que não posso.
- Eu não disse. Só pedi ao senhor para ir a outro cinema.
- Quero este.
- Deixa ele entrar. (Murmurou o gerente ao porteiro)

Ele sentou-se numa fila do meio, vazia. Atrás dele, pessoas cochicharam, se levantaram, saíram. De instante em instante, uma pessoa saía da sala. Ele não prestava atenção, apenas achava muito barulho a movimentação. Devia ser sempre assim nas sessões da tarde. Quando a fita terminou só tinha ele na sala. Resolveu fumar um cigarro. Na sala de espera, quatro PMs se dirigiram a ele.

- Quer nos acompanhar?

- Onde?

- Não tem que perguntar nada.

Quando chegaram na calçada, os PMs disseram:

- Agora, vai andando quieto, sempre em frente, sem falar com ninguém, sem olhar para os lados. Vai.

Ficou pela rua. Estranho, estar no meio daquela gente toda que se cruzava. Será que não estavam fazendo nada? Olhava vitrinas, livrarias, agências de viagens, via homens de maleta preta. A maleta? Tinha deixado no escritório. Era disso que sentia falta. A maleta na mão. Mesmo quando não precisava dela, carregava. Fazia pane dele. Agora, os braços ficavam soltos, desamparados. Sentia uma tensão, ao se ver na rua, àquela hora no meio da gente toda. Duas vezes se surpreendeu caminhando em direção ao escritório. De repente, entendeu de vez que não precisava voltar lá. O alívio foi tão grande que ele começou a suar. E se assustou um pouco. Era como se tivesse sarado de uma doença terrível, depois de ter estado à beira da morte. Ou sair de dentro da água, quando já estava se afogando. Sentia-se amedrontado, uma sensação esquisita por dentro. Culpado de estar sem o que fazer, livre, andando para onde queria. Tudo por causa do buraco. Olhou as pessoas através dele. O gesto de levar a palma da mão à frente do olho estava se tornando um tique.

Andou, descontraído. Sentindo-se mais leve a cada hora que passava. Muito tarde da noite (não precisava voltar para casa; atravessara como que flutuando as seis, sete, oito horas; quase pegou o ônibus, lembrou-se a tempo, ficou vagando pela cidade, vendo a noite cair, o movimento diminuir, as pessoas mudarem nas ruas). Sentou-se num banco da praça, olhando a mão. Gostava ainda mais do furo.

- O senhor quer sair deste banco?

Era um homem de farda abóbora, distintivo no peito: Fiscalização de Parques e Jardins.

- O que tem este banco?

- Não pode sentar nele.

Ele mudou para o banco ao lado, o homem seguiu.

- Nem neste.
- Em qual então?
- Em nenhum.
- Olhe quanta gente sentada.
- Eles não têm buraco na mão.
- Daqui não saio.

O homem enfiou a mão embaixo da túnica, tirou um cassetete, deu uma pancada na cabeça dele. As pessoas se aproximaram, enquanto ele cambaleava.

- Socorro, disse, com a voz fraca, amparando-se num velhote. O velhote se afastou, ele caiu no chão, a cabeça latejando terrivelmente.

- Por que fez isso?
- Pedi para não sentar, o senhor teimou. Agora, saia da praça.
- Saia, saia, gritavam as pessoas em volta.

Andou, sem se incomodar com o povo, o fiscal. Passou a mão na cabeça, sangrava. Num bar, pediu um copo de água gelada, jogou na cabeça. Decidiu que não iria para casa. Talvez passasse por uma delegacia para dar queixa, abrir um processo contra o fiscal. Embaixo de um viaduto, sentou-se. Vagabundos (seriam vagabundos?) tinham acendido uma fogueira.

Acordou, o sol nascendo, levantou-se rápido. De pé, lembrou-se que não precisava ir ao emprego, ir a lugar nenhum. Sentou-se de novo, vendo os vagabundos (seriam vagabundos?) tomarem o que parecia café. Aproximou-se. Um deles estendeu uma lata. Quando olhou a mão do homem, viu nela um orifício de uns dois centímetros de diâmetro que atravessava da palma às costas. Então, ele também mostrou a mão. O homem não disse nada. Ele tomou o café. Ralo, de pó catado nos lixos dos bares, já tinha passado uma ou duas vezes pelo coador. Serviu para assentar o estômago.

Inácio de Loyola Brandão

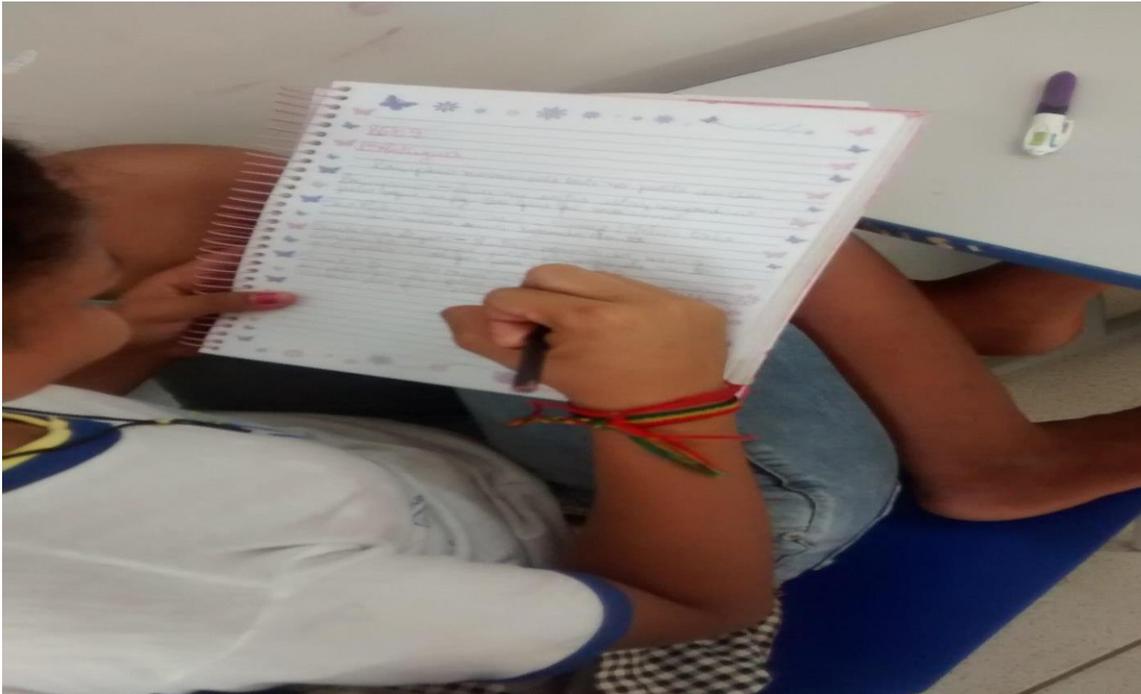


Figura 1. Aluna durante produção textual.



Figura 2. Biblioteca da escola.

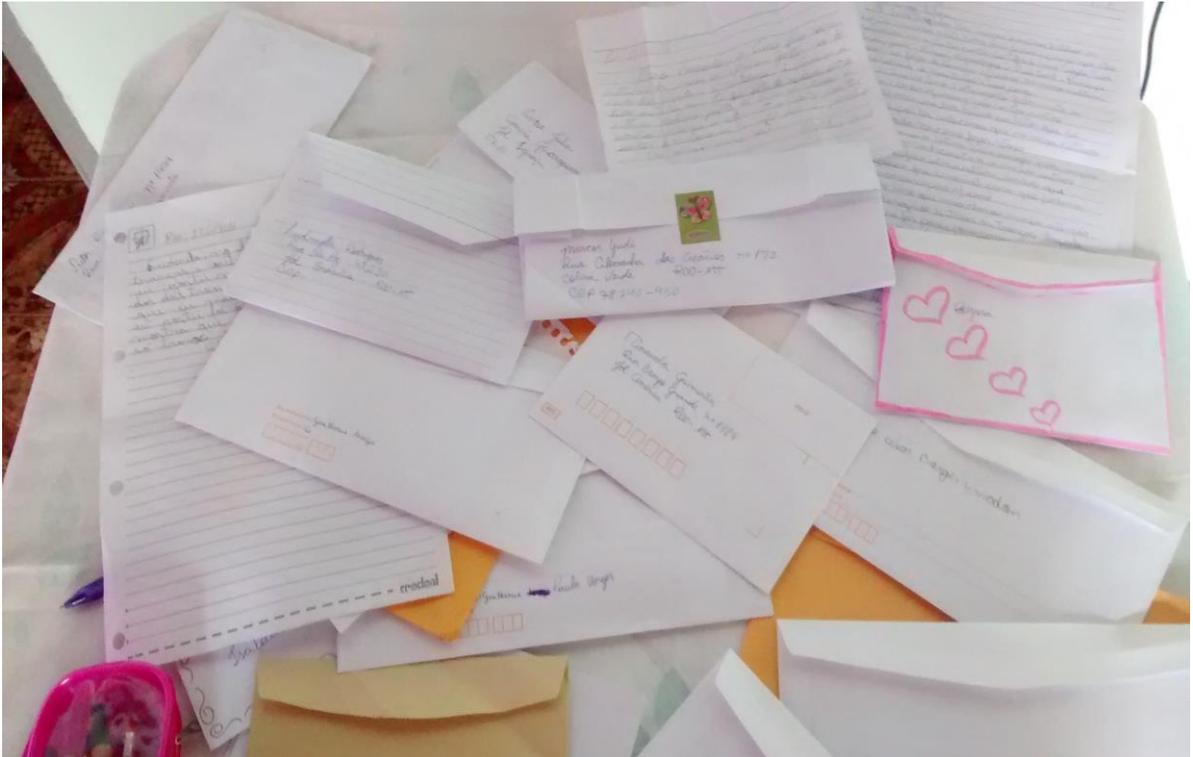


Figura 3. Produções de cartas e envelopes dos alunos.

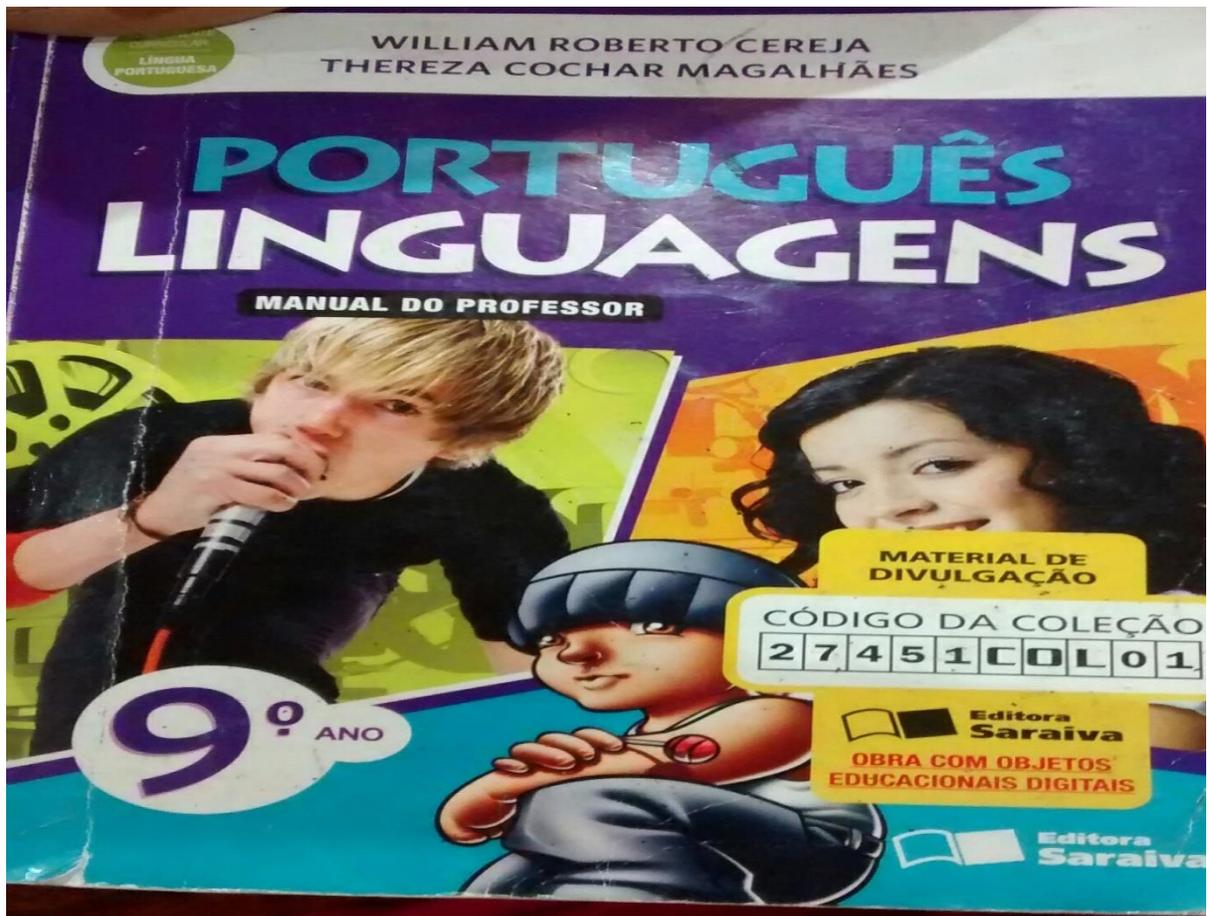


Figura 4. Livro didático adotado pela escola.

Produções dos alunos

“Rondonópolis, 09 de setembro de 2016.

Miguxa,

Venho escrever sobre a leitura que fiz do livro “Contos de Fadas”, recontado por Neil Philip. Eu esperava que o livro fosse chato, mas eu achei bem legal. O livro conta os clássicos contos de fadas nos ensinando lições.

Eu recomendaria essa leitura a você desde que esteja disposta a soltar a imaginação e largar um pouco o seu celular. Eu fiz isso e deu certo.

Um abraço,

N.2”

“Rondonópolis, 09 de setembro de 2016.

Cara colega,

Venho escrever sobre o livro ‘O Guarani’, de José de Alencar. Eu achei que o livro fosse melhor, mas até que tem umas partes legais, por exemplo quando Peri, o índio valente, salva Ceci de alguns obstáculos que eu não vou te contar para que você fique com vontade de pegar o livro na biblioteca. Então, desejo a você uma boa leitura.

Até mais,

N.1”

“Rondonópolis, 09 de setembro de 2016.

Cara colega,

Quero te contar sobre o livro ‘Querido diário otário’, de Jim Benton que é um livro em forma de diário que conta várias situações da vida de estudante, tem muita intriga lá como acontece nas escolas.

Uma dica para você ler é tirar uma ou duas horas por dia para entrar no mundo dos livros e se jogar.

Atenciosamente,

N.3”

“Rondonópolis, 09 de setembro de 2016.

Meu chapa,

Vou falar sobre a leitura que fiz do livro: ‘Desce do muro moleca’, de Marcos Vinícius Arruda Camargo. Eu achei que o livro fosse melhor, mas tem algumas partes que eu gostei, por exemplo, quando a menina e o menino se beijam na escola.

Quando eu estou lendo tento ler em locais sem barulho, no meu quarto ou na biblioteca da escola. E recomendo isso a você para desenvolver o hábito de ler.

N.4”

“Rondonópolis, 09 de setembro de 2016.

Minha amiga,

Escrevo esta carta para contar-lhe sobre o livro ‘sem pé nem cabeça’, do autor Elias José. Achei legal, mas poderia ser melhor. Tem muitas frases com a palavra pé. Eu acho que você deve gostar desse livro, pois você é mais humorada que eu. Recomendo a você para uma boa leitura que você passe a visitar a biblioteca no período da tarde, pois lá é bem mais calmo e silencioso para ler.

Abraços,

N.5”

“Rondonópolis, 09 de setembro de 2016.

Super best friend,

Venho escrever sobre a leitura que fiz do livro ‘Adolescente, alguém te entende?’, da autora Renata Martins, pois é um livro que fala sobre tudo o que um adolescente pode passar no decorrer dessa fase tão extrema. Muitas vezes me vi naquela realidade da história. Penso que se você ler este livro também vai se identificar.

Recomendo que você passe mais tempo na biblioteca da escola, pois lá é silencioso, um lugar ótimo para ler.

Abraços minha linda.

N.6”

“Rondonópolis, 09 de setembro de 2016.

Querido amigo,

Venho escrever sobre a leitura que fiz do livro: ‘Histórias da Carolina’, do autor Ziraldo, o mesmo que escreveu o ‘O menino maluquinho’. Gostei desse livro, pois Carolina é uma menina que gosta muito de cuidar das plantas e eu também gosto. Recomendo essa leitura para você porque sei que você vai gostar e sugiro que você leia em locais que não fazem barulho, por exemplo no seu quarto.

Um abraço,

N.7”

“Rondonópolis, 09 de setembro de 2016.

Caro colega,

Gostaria de contar sobre o livro: ‘Moby Dick’, do autor Herman Melville. Achei muito legal, porque fala sobre um homem que embarcou numa viagem rumo ao oceano para caçar uma baleia. Espero que você possa se interessar pelo livro.

Uma recomendação é desligar o celular quando estiver lendo para que você não se atrapalhe durante a leitura. Comece com livros finos e a cada mês vai escolhendo livros mais grossos.

Sinceramente,

N.8”

“Rondonópolis, 06 de abril de 2016.

Oi,

Vou contar-lhe sobre minha leitura com o livro ‘Diário de um Banana’, de Jeff Kinney. Levei três dias para ler o livro. Eu recomendaria a você, pois tem piadas legais e você vai dar risada lendo o livro, assim como eu ri. Uma sugestão é que você leia sentado e em um lugar sem barulho.

Um abraço.

N.9”

“Rondonópolis, 9 de setembro de 2016.

Querida amiga,

Venho contar-lhe sobre a leitura do livro ‘O segredo das tranças e outras histórias africanas’, do escritor Rogério A. Barbosa.

O livro conta histórias locais de 5 países. Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe. O que eu gostei desse livro foi que algumas histórias falam de coisas básicas para o convívio em sociedade.

A parte mais interessante foi da ‘herança maldita’ quando Muzila é punido por sua família por esconder comida. Tenho certeza que você vai gostar.

Abraços,

N.14”

“Rondonópolis, 17 de agosto de 2016.

Olá colega,

Vim contar um caso.

Havia um menino que não tinha a perna esquerda e tinha charuto na boca, também usava um gorro na cabeça e era muito levado. Esse menino era o Saci. O meu pai disse que já viu o Saci na cidade que ele morava e contava essa história do Saci, um menino levado que fazia travessuras com as crianças que não respeitavam os seus pais.

Até mais!

N.7”

“Rondonópolis, 17 de agosto de 2016.

Amigo,

Venho contar-lhe a lenda da loira do banheiro.

Dizem que uma mulher loira se matou no banheiro da escola após sofrer bullying de seus colegas. Reza a lenda que se você entrar no banheiro da escola, dar três vezes a descarga,

apagar a luz três vezes e chamar pela loira do banheiro ela aparece com vontade de levar você para o inferno.

Até mais. N.8”

“Rondonópolis, 17 de agosto de 2016.

Meu amigo,

Meu pai me contou esse caso e agora vou contar para você. Havia um homem que viajava muito e certo dia ele se deparou em uma prisão vazia, entrou lá, mas nunca mais voltou. Passaram a chamar esse homem de Fantasma da Prisão. Dizem que se você chegar na frente de uma prisão e ficar olhando sem piscar você vai ver esse fantasma rodeando a prisão.

N.9”

“Rondonópolis, 17 de agosto de 2016.

Caro colega,

Este é o caso da boneca assassina. Dizem que no Brasil existe uma boneca que carrega um espírito maligno. Um dia essa boneca estava sendo vendida em uma loja de brinquedos usados. Uma menina viu e disse para sua mãe que queria levar a boneca para casa, mas como a mãe não tinha dinheiro não pôde levar. Naquela noite a boneca apareceu na porta da casa da menina que a levou para seu quarto imediatamente e foi dormir. Na manhã seguinte quando a mãe foi acordar sua filha encontrou a menina morta com sangue espalhado pelo quarto e a boneca estava lá, limpinha.

Um abraço,

N.10”

“Rondonópolis, 17 de agosto de 2016.

Caro colega,

Este é o caso do Moleque Piranha. Havia um menino que gostava de tomar banho com seus irmãos nos rios do Pantanal, mas um dia de muito calor ele resolveu ir sozinho para o rio, lá ele se afogou e morreu. Seu corpo nunca foi encontrado. Dizem que quem vai para o rio sozinho tomar banho o Moleque Piranha pode alcançar e matar como se fosse um ataque de milhares de piranhas.

N.11”

“Rondonópolis, 17 de agosto de 2016.

Caro colega,

Venho-lhe contar um caso que meus pais me contaram.

Havia uma mulher que já era de idade que quando as pessoas tentavam entrar no quintal dela, ficavam grudados na cerca até ela aparecer. Essa mesma mulher usava um véu em sua cabeça e embaixo do véu moravam aranhas e formigas no cabelo dela. A mulher parecia de outro mundo, não parecia deste planeta.

Toda a vizinhança se amedrontava com a velha senhora, pois ela nunca saía de casa. Ela realmente assustava a todos.

Espero que goste!

N.12”

“Rondonópolis, 09 de junho de 2016.

Meu colega,

O homem acordou e se sentia estranho. Foi se olhar no espelho e viu que tinha uma pinta na testa. Não era uma pinta qualquer era uma pinta azul. Tentou tirar, mas não conseguiu. Resolveu deixar. Começou a se acostumar com ela. Mas quando sua namorada viu aquilo não gostou e terminou com ele. O homem nem achou ruim, não gostava daquela mulher preconceituosa. Alguns meses depois ele arrumou uma namorada que aceitava e até achava aquela pinta azul bem bonita.

Um certo dia, acordou e percebeu que havia outra pinta azul na testa. Ele entendeu que estava mudando.

Abraços,

N.13”

“Rondonópolis, 09 de junho de 2016.

Caro colega,

Manoel abriu o livro e sem perceber foi puxado para a história. Quando abriu os olhos estava em frente à Alice, foram juntos ao País das Maravilhas, tomaram chá, conversaram com aquele coelho falante. Correram dos soldados da rainha. Quando ele resolveu declarar seu amor à Alice ouviu a campainha de sua casa tocar e foi jogado para fora do livro. Abriu a porta e ficou com a cara vermelha de raiva, era a fatura da energia elétrica.

Atenciosamente,

N.14.”

“Rondonópolis, 09 de junho de 2016.

Caro colega,

Maria começou a mexer nas coisas antigas da mãe. Achou um espelho e dentro dele começou a ver imagens de pessoas que já tinham se visto naquele objeto, viu sua mãe bem mais nova. Lá ela também assistiu o que fez sua mãe se tornar triste, foi o triste acidente de carro que matou seu pai. Maria decidiu que não poderia deixar a mãe sofrer mais ainda, pois já tinham se passado muitos anos de tristeza. E assim, com o tempo, ela conseguiu trazer alegria para sua mãe.

Abraços,

N.21.”

“Rondonópolis, 08 de junho de 2016.

Querida amiga,

Escrevo para dizer o quanto você é especial, legal, bonita e gente boa. Gosto muito de você e gostaria de dizer que sem você na minha vida eu não seria nada.

Uma parte de você é bonita

Outra parte de você é legal

Uma parte é inteligente

Outra parte é sorridente.

Uma parte é carinhosa

Outra parte é bacana

Uma parte é alegria

Outra parte é atenciosa.

Abraços,

Seu amigo N.15”

“Rondonópolis, 08 de junho de 2016.

Querida,

Escrevo para dizer o quanto você é especial e por isso fiz uma paródia para traduzi-la.

Uma parte dela é sinceridade

Outra parte é pessimista

Uma parte dela é bondade

Outra parte é realista.

Uma parte dela é mistério

Outra parte é solução

Uma parte dela é amizade

Outra parte é bom coração.

Atenciosamente,

N.16”

“Rondonópolis, 08 de junho de 2016.

Querida colega,

Escrevo para dizer o quanto você é especial.

Uma parte dela é alto astral

Outra parte é beleza

Uma parte dela é quieta

Outra parte é divertida.

Uma parte dela é realista

Outra parte é consumista

Uma parte é inteligente

Outra parte é carismática.

Abraços,

N.17”

“Rondonópolis, 08 de junho de 2016.

Amigo,

Escrevo para traduzi-lo e dizer tudo o que penso sobre você.

Uma parte de você é legal

Outra parte é sem graça
Suas piadas são ruins
Mas você é o melhor.

Mesmo assim penso como seria ruim
Sem você aqui.
Penso assim:
Você é competitivo demais
E é por isso que nos damos tão bem.
E obrigado por ser assim,
Tão legal para mim.
Falou,
N.18”

“Rondonópolis, 08 de junho de 2016.

Querida amiga,
Escrevo para dizer o quanto você é especial.
Uma parte dela é linda
Outra parte é meiga.
Uma parte dela é carinhosa
Outra parte é atenciosa.

Uma parte dela é ‘miga sua loka’
Outra parte solta a franga.
Uma parte dela é abusada
Outra parte é calada.

Uma parte dela é Avoada
Outra parte é estropiada.
Uma parte dela é perfeita
Outra parte é sonolenta e preguiçosa.

Acima de tudo saiba que eu te amo e estarei aqui para tudo que você precisar.

Beijos,
N.19”

“Rondonópolis, 08 de junho de 2016.

Querida amiga,

Escrevo para dizer o quanto você é especial, por isso fiz a paródia do poema ‘traduzir-se’, de Ferreira Gullar para traduzir como você é para mim.

Uma parte dela é carinhosa

Outra parte é preocupação

Ama tudo e todos

Com seu enorme coração.

Uma parte dela é alegria,

Outra parte é irmandade

Uma menina que floresce meus dias

E tem quase a minha idade.

Uma parte dela é palhaçada

Outra parte é a chamada razão

Sabe os meus melhores dias

E me levanta quando estou no chão.

Traduzir uma parte da sua parte

É tipo querer amar já amando

Como só a gente sabe cantar já cantando.

Beijos,

N.20”

“Rondonópolis, 08 de junho de 2016.

Amore,

Uma parte de você é beleza

Outra parte é felicidade

Uma parte de você é ser extrovertida

Outra parte usa isso

Para me fazer feliz.

Uma parte de você são esses seus cachos maravilhosos

Outra parte são suas bochechas que dá vontade de apertar.

Uma parte de você são esses seus olhos cor de mel e esbugalhados

Outra parte é seu sorriso que me acalma.

Te amo!

Beijos,

N.21”

“Rondonópolis, 08 de junho de 2016.

Querida,

Uma parte dela é legal

Outra parte dela é chata

Uma parte dela é beleza

Outra parte é lindeza.

Uma parte dela é loucura

Outra parte é solidão

Uma parte dela não almoça

Outra parte não janta.

Você é especial para mim.

Beijos, N.3”

“Rondonópolis, 08 de junho de 2016.

Meu amigo,

Uma parte dele é legal

Outra parte é chata

Uma parte dele é estranha

Outra parte é engraçada.

Uma parte dele tá no corpo

Outra parte no gesso

Uma parte dele é comer

Outra parte é dormir.

Uma parte dele é explicação

Outra parte é conversa

Uma parte dele é vida

Outra parte morte.

Abraços,

N.4.”

“Rondonópolis, 08 de junho de 2016.

Querida amiga,

Uma parte dela é alegria

Outra parte me contagia

Uma parte dela é bondade
Outra parte é solidariedade.

Uma parte dela é divertida
Outra parte é otimista
Uma parte dela é lutadora
Outra parte é sonhadora.

Uma parte dela é engraçada
Outra parte é animada.

Beijos,

N.5”

“Rondonópolis, 08 de junho de 2016.

Querida amiga,

Uma parte dela é fome
Outra parte já comeu
Uma parte dela é fofa
Outra parte é marrenta.

Uma parte dela é goleira
Outra parte é atacante
Uma parte dela é sobancelha
Outra parte é você quem faz.

Uma parte dela dorme

Outra parte ronca

Uma parte dela é bonita

E já acabou.

Atenciosamente,

N.6.”

“Rondonópolis, 08 de junho de 2016.

Querida amiga,

Escrevo para dizer o quanto você é especial.

Uma parte dela é sinceridade

Outra parte é pessimista

Uma parte dela é bondade

Outra parte é realista.

Uma parte dela é mistério

Outra parte é solução

Uma parte dela é amizade

outra parte é bom coração.

Atenciosamente,

N.7”

“Rondonópolis, 08 de junho de 2016.

Meu amigo,

Uma parte dele é gordo

Outra parte dele é mágico

Uma parte dele é dragão ninja

Outra parte é dragão arqueiro.

Uma parte dele é xbox

Outra parte é playstation

Uma parte dele é homem bomba

Outra parte é bumbum grande.

Uma parte dele é estranha

Outra parte também é estranha

Uma parte é apelador

Outra parte é legal.

Valeu,

N.8.”

“Rondonópolis, 08 de junho de 2016.

Querida amiga,

Uma parte dela é princesa

Outra parte é bruxinha

Uma parte tem fome

Outra parte tem fome também.

Uma parte é médica

Outra parte é dona de casa

Uma parte é sonhadora

Outra parte corre atrás.

Uma parte é linda

Outra parte é feia

Uma parte cuidadosa

Outra parte tá nem aí.

Uma parte estudiosa

E outra estudiosa também

Uma parte brincalhona

A outra triste.

Você é tudo e muito mais.

Você é um poço de qualidade

Mas também de defeitos.

Amo-te.

N.9”

“Rondonópolis, 08 de junho de 2016.

Querida colega,

Uma parte dela é alto astral

Outra parte é beleza

Uma parte dela é quieta

Outra parte é divertida.

Uma parte dela é realista

Outra parte é consumista

Uma parte dela é inteligente

Outra parte carismática.

Abraços,

N.10”

“Rondonópolis, 08 de junho de 2016.

Meu bom parceiro,

É um bom amigo pau pra toda hora

Um cara de confiança, de boa,

Desde a primeira vez que o vi

Achei que seria um amigo de verdade.

Um cara que não desiste fácil das conquistas

Não joga muito bem futsal

Mas o time conta com você

Quem sabe nós ganhamos o Interclasse.

É um cara de olhos claros

É moreno dos cabelos castanhos,

Mas é baixinho e isso não conta,

Pois uma roupa bonita te faz virar um homem.

Abraço,

N.19”

“Rondonópolis, 08 de junho de 2016.

Meu amigo,

Uma parte dele é zueira,

Outra parte é calado.

Uma parte dele é youtuber

Outra parte dele é estudo.

Uma parte dele é animado

Outra parte me enche o saco.

N.20.”

“Rondonópolis, 08 de junho de 2016.

Querida amiga,

Parece um barquinho navegando no azul do mar

Ou no azul de seus lindos olhos.

Uma parte de você é especial.

Outra parte não sei, será que está perdida na multidão?

Traduzir você é como traduzir algo

Que nem o tradutor consegue

É uma questão de afinidade

Saiba que sua amizade é uma arte.

Beijos,

N.21”

APÊNDICE



Termo de consentimento livre e esclarecido

Eu, Hiliara de Carvalho Monteiro, responsável pela pesquisa “Letramento Literário: a voz da literatura na prática de leitura e produção textual”, solicito a autorização da criança que está em sua responsabilidade para participar deste meu estudo, trata-se de uma Dissertação do Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) – Unidade Universitária de Campo Grande. Como Orientador, tenho o Prof. Dr. Fábio Dobashi Furuzato. Esta pesquisa pretende analisar o processo de leitura dos estudantes da Escola Estadual Lucas Pacheco de Camargo, da cidade de Rondonópolis, com vistas a uma meta da leitura literária e produção de textos por prazer. Para sua realização, será necessária a filmagem das aulas e fotos. A participação das crianças constará de presença e interação nas aulas. Esta pesquisa não apresenta riscos para os estudantes. Os benefícios esperados com o estudo são que os estudantes possam usar o espaço da biblioteca como lazer e tomar gosto pela leitura literária. Durante todo o período da pesquisa você tem o direito de tirar qualquer dúvida ou pedir qualquer outro esclarecimento, bastando para isso entrar em contato comigo. Fica sancionado seu direito de não autorizar a participação de sua criança ou de retirar sua permissão, a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo ou retaliação, pela sua decisão. As informações desta pesquisa serão confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação (confidencialidade). Serão também utilizadas imagens através de filmagens, que poderão vir a ser divulgadas.



Autorização

Eu, _____,

RG: _____ representante legal da criança

_____, após a leitura (ou a escuta da leitura) deste documento e ter tido a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável para esclarecer todas as minhas dúvidas, acredito estar suficientemente informado, ficando claro para mim que autorizo a participação da criança sob minha responsabilidade e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa e da garantia de confidencialidade e esclarecimentos sempre que desejar. Diante do exposto, expresso minha concordância do estudante pelo qual sou responsável em participar deste estudo.

Assinatura de seu representante legal

Assinatura de uma testemunha

Declaro que obtive de forma apropriada o Consentimento Livre e Esclarecido deste representante legal para a participação neste estudo.

Assinatura do responsável pela obtenção do TCLE ____/____/2016.

Dados da pesquisadora: Hiliara de Carvalho Monteiro – Contato: 65 99958-5280.

Endereço: Rua Ceará, 1173; Bairro Cidade Salmen. E-mail: hiliaramonteiro@gmail.com